



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Sede compassivos como vosso Pai é compassivo
- O público e o privado na VR hoje
- Influência das novas tecnologias na formação religiosa
- A renovação da Vida Religiosa no Concílio Vaticano II

Sumário

Editorial

Compassivos como Deus457

Mensagem

Sede compassivos como vosso Pai é compassivo
JOSÉ ANTÔNIO PAGOLA459

Informes

Na cruz de Cristo, a força da formação à vida consagrada
GIOVANNI CIPRIANI E EDILAMAR DA GLÓRIA MARTINS 468

Carta de solidariedade aos povos indígenas
VANDA T. BISATO E AGENOR MARTINS DA SILVA476

A beleza salvará o mundo
EMILI TURÚ478

Arte e Cultura

O público e o privado na Vida Religiosa hoje
PLUTARCO ALMEIDA 482

Artigos

Influência das novas tecnologias na formação religiosa
CÉLIA LUIZA ARAÚJO DO CARMO 488

A renovação da Vida Religiosa no Concílio Vaticano II
CLETO CALIMAN 509



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA

Ir. Márian Ambrosio, dp

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fins

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:
Marina Mendonça

Revisão:
Mônica Elaine G. S. da Costa

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2013: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site crbnacional.org.br, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c. 306934-6) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479.**

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Leitores e leitoras, saudações da CRB Nacional. Alegria e paz em Cristo.

Setembro, mês da Bíblia. A melhor beleza de Deus, revelada na Bíblia, é a compaixão, encarnada pelo Filho, Jesus Cristo. Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo é compassivo. O Criador conhece a fragilidade de suas criaturas. Por isso, seu amor, infinito e incondicional, só poderia mesmo se traduzir em compaixão. Assim, o texto “Sede compassivos como vosso Pai é compassivo”, do Pe. José Antônio Pagola, está no início da Revista, na seção Mensagem, e apresenta Cristo como o Profeta da Compaixão.

A compaixão pelos excluídos e condenados pelo impiedoso sistema político, social e religioso levou Cristo à cruz. Pe. Giovanni e Ir. Edilamar escrevem que “Da cruz de Cristo aprendemos a beleza da nossa consagração”. Os autores dizem que “como consagrados/as somos as testemunhas da beleza e força do amor de Deus”.

Movida pela beleza e força do amor de Deus, a Regional da CRB de Campo Grande escreve e divulga a “Carta de solidariedade aos povos indígenas”. Na ausência de Deus, desaparece a compaixão, desaparece a beleza. Diz a Carta: “A truculência do Estado policialesco é assustadora; isso, além de esquecer sua vocação maior, que é dar garantia de vida ao cidadão, nos obriga a conviver com um policiamento com alto índice de agressividade e total despreparado para atuar em situações mais delicadas”.

“A beleza salvará o mundo”, diz Ir. Emili Turú, superior-geral do Instituto Marista. “Então, de que necessita o nosso mundo, tão estruturalmente injusto e com tanta violência? Abrir-se à beleza do silêncio, da admiração, da gratuidade.

O coração humano está sedento disso, embora nem sempre acerte no caminho para consegui-lo”. Religiosos e religiosas, por vocação, somos buscadores de Deus – a verdadeira beleza. E a essa busca consagramos as melhores energias da nossa vida.

A beleza da nossa vida em Deus deve ser testemunhada e partilhada com todos. O que não se tem coragem de partilhar, o que se insiste em esconder, não é beleza. Pe. Plutarco pergunta: “O que é público e o que é privado para nós? Quais os assuntos que podem e devem ser comunicados e quais são aqueles que, ao contrário, jamais poderiam escapar das quatro paredes da Comunidade Religiosa?”. O que não pode ser publicado, com certeza, não é beleza. Por onde andam a nossa beleza interior, a beleza da compaixão, a beleza das nossas relações humanas, a beleza das nossas ações? A falta de beleza é a ausência de Deus.

Ir. Célia Luiza, com o texto “Influência das novas tecnologias na formação religiosa”, discorre sobre a comunicação da beleza divina. Diz que Cristo revelou-se um verdadeiro comunicador, ensinando-nos a sermos seres em comunicação da verdade e do bem, e isto é beleza. Diz ainda que num mundo onde a vida humana é tão massacrada e sofrida, a notícia do amor de Deus precisa ser reconhecida; mais que isso, precisa ser experienciada, e isso é beleza.

Cleto Caliman, escrevendo sobre “A renovação da Vida Religiosa no Concílio Vaticano II”, faz referência ao Decreto *Perfectae Caritatis*: o texto pede aos superiores que sejam “dóceis à vontade de Deus no cumprimento do seu cargo, exerçam a autoridade em espírito de serviço a favor de seus irmãos, de tal maneira que sejam a expressão da caridade com que Deus nos ama”. São os superiores os primeiros chamados a viverem a beleza de Deus.

LAURO DAROS, MARISTA.

Sede compassivos como vosso Pai é compassivo

459

MENSAGEM

PADRE JOSÉ ANTÔNIO PAGOLA*

Jesus não é um escriba nem um sacerdote do templo de Jerusalém. Não se dedica a ensinar doutrina religiosa nem a explicar a Lei de Moisés. Jesus é um profeta itinerante, oriundo da Galileia, que anuncia um acontecimento que pede ser escutado e atendido, pois pode mudar a história do ser humano. Assim resume Marcos sua atividade. Jesus percorria a Galileia anunciando a Boa-Notícia de Deus e dizia assim: “O Reino de Deus está próximo. Mudai na maneira de pensar e de agir, e crede nesta Boa-Nova”.¹ O que Jesus chama “Reino de Deus” é o coração de sua mensagem e a paixão que animou toda a sua vida.

O surpreendente é que Jesus nunca explicou o que é o Reino de Deus. O que faz é sugerir com sua vida e com suas parábolas como atua Deus e como seria o mundo se seus filhos e suas filhas atuassem como o Pai do Céu. Podemos dizer que Jesus somente buscava uma coisa: que houvesse na terra homens e mulheres que começassem a atuar como atua Deus. Essa era sua obsessão: como seria a vida se a gente se parecesse mais com Deus? Isso nos obriga a fazermos não poucas perguntas: Como age Deus? Como agia seu Filho Jesus? O que era importante para Ele? O que significa agir como o Pai do Céu seguindo os passos de Jesus?

1. Deus é compassivo

Jesus não fala nunca de um Deus indiferente ou distante, esquecido do sofrimento de seus filhos e filhas ou interessado somente por seu louvor, sua glória, ou seus direitos. No

* **José Antônio Pagola**, de nacionalidade espanhola, nasceu em 1937. Completou seus estudos de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana e de Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, em 1966. Também tem cursado estudos bíblicos na Ecole Biblique de Jerusalém. É atualmente professor no Seminário de San Sebastián e na Faculdade de Teologia do Norte da Espanha. Durante mais de trinta anos, Pagola tem dedicado seus estudos à Sagrada Escritura e à Cristologia, especialmente à investigação sobre o Jesus histórico.

1. Marcos 1,15.

centro da experiência religiosa não nos encontramos com um “legislador” que trata de governar o mundo por meio de leis, nem como um Deus “justiceiro” que intervém irado para castigar o pecado de seus filhos e filhas.

Para Jesus, Deus é compaixão. Tem entranhas maternais (*rahamim*). A compaixão é a forma de ser de Deus, sua primeira reação ante suas criaturas, sua maneira de olhar o mundo e de tratar as pessoas. Deus age movido por sua compaixão. Deus sente por suas criaturas o que uma mãe sente pelo seu filho que leva no ventre. As parábolas mais belas que saíram dos lábios de Jesus e, sem dúvida, as que mais trabalhou em seu coração foram as que narrou para fazer intuir a todos a compaixão surpreendente de Deus para com seus filhos e filhas. Somente recordaremos duas.

A mais cativante é, talvez, a do Filho Pródigo.² Deus se parece com um pai que não guarda para si a herança, não vive obcecado pela moralidade de seus filhos, espera sempre os perdidos. “Estando ainda longe” vê chegar o filho que o tinha abandonado e se lhes “comovem as entranhas”: começa a correr, o abraça e o beija efusivamente, como uma mãe, interrompe sua confissão para poupar-lhe mais humilhações e o restaura como filho. Para Jesus, essa é a maior metáfora de Deus: um pai comovido até suas entranhas que acolhe a seus filhos perdidos e suplica a seus irmãos que o acolham com o mesmo carinho e compreensão. Será esse o Reino de Deus?

Jesus pronunciou também outra parábola surpreendente e provocativa.³ Deus se parece com o proprietário bom que contratou operários para trabalhar na vinha, em diferentes horas do dia. No entanto, ao final da jornada, não os pagou segundo o trabalho realizado. A todos deu uma moeda, quer dizer, o que necessitava uma família da Galileia para viver um dia. Diante dos protestos dos que se sentiram prejudicados, o senhor da vinha respondeu com estas palavras: “Vossos olhos são maus por que eu sou bom?”. Conforme Jesus, Deus não julga a vida das pessoas com os critérios que nós empregamos. O Pai do Céu é bom e compassivo. Será verdade que, desde suas entranhas de misericórdia, Deus,

2. Lucas 15,11-32.

3. Mateus 20,1-15.

mais que fixar-se em nossos méritos, está sempre olhando para como responder a nossas necessidades?

2. Sede compassivos como vosso Pai é compassivo

Movido por sua experiência da compaixão de Deus, Jesus vai introduzir na história um novo princípio de agir. A força que há de impregnar a marcha do mundo é a compaixão.

A estrutura religiosa e política do povo judeu partia de uma exigência básica aceita por todos. O velho livro do Levítico a formulava assim: “Sede santos porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo”.⁴ O povo tem de imitar a santidade do deus do templo: um deus que elege o seu povo e rejeita os pagãos, bendiz os justos e maldiz os pecadores, que acolhe os puros e separa os impuros. A santidade é a condição para ser de Deus, o princípio que tem de orientar a conduta do povo eleito. O ideal é ser santo como Deus.

No entanto, essa imitação da santidade de Deus, entendida como separação do “não santo”, o impuro, o contaminante, foi gerando ao longo dos séculos uma sociedade discriminatória e excludente. O povo judeu busca sua própria identidade santa e pura excluindo as nações pagãs e impuras. Porém, ainda dentro do povo eleito, os sacerdotes gozam de uma categoria de pureza superior ao resto do povo, pois estão a serviço do povo onde habita o Santo de Israel. Os homens pertencem a um nível superior de pureza ritual sobre as mulheres, suspeitas sempre de impureza, pela menstruação e pelos partos. Os que desfrutavam de saúde estão mais perto de Deus do que os leprosos, cegos ou paráliticos, excluídos do acesso ao templo. Essa busca de santidade gerava barreiras e discriminações. Não promovia a acolhida mútua, a fraternidade e a comunhão.

Jesus percebeu logo. Essa imitação de um Deus santo não responde à sua experiência de um Deus acolhedor e compassivo. Assim, com uma audácia e lucidez surpreendentes, introduz um novo princípio que transforma tudo: “Sede compassivos como vosso Pai é compassivo”.⁵ É a compaixão

4. Levítico 19,2.

5. Lucas 6,36.

de Deus e não sua santidade o princípio que tem de inspirar a conduta de seus filhos e filhas. Jesus não nega a “santidade” de Deus, porém o que qualifica essa santidade não é a separação do impuro ou o afastamento do não santo. Deus é grande e santo, não porque afasta e exclui os pagãos, pecadores ou impuros, mas porque ama a todos sem excluir ninguém de sua compaixão.

Por isso, para Jesus, a compaixão não é uma virtude a mais, mas a única maneira de parecer-nos a Deus. O único modo de olhar o mundo como o olha Deus, a única forma de acolher as pessoas como as acolhe Ele, a maneira de nos aproximarmos dos que sofrem como se aproxima o Pai. Essa é a grande herança de Jesus a toda a humanidade.

3. Jesus, Profeta da compaixão

Jesus foi o primeiro a viver totalmente a partir da compaixão de Deus, desafiando claramente o sistema de santidade e pureza que predominava na sociedade de seu tempo. A atividade profética de Jesus se caracterizava por três traços inconfundíveis. Jesus é um profeta que cura, dedicado a aliviar o sofrimento dos enfermos; um profeta defensor dos pobres, excluídos do império de Roma e esquecidos pela religião do templo; um profeta amigo dos pecadores, que acolhe pessoas indesejáveis que vivem à margem da Aliança. São três traços que hão de caracterizar a quem segue radicalmente seus passos.

Jesus se aproxima, antes de tudo, dos enfermos das aldeias.⁶ São os que mais sofrem. Sua tarefa sempre é a mesma: alivia sua dor, acaricia a pele dos leprosos, liberta os possuídos por espíritos impuros, resgata-os da marginalização em que vivem e os devolve à convivência. Jesus sofre ao ver a distância que há entre o sofrimento desses homens e mulheres enfermos e desnutridos e a vida sã que Deus quer para todos eles. Não os cura para provar sua condição divina ou a verdade de sua mensagem. O que move Jesus é a compaixão.

Essa compaixão o move também a defender os que vivem afundados na miséria. Os pobres que rodeiam Jesus são um

6. Os Evangelhos assinalam repetidamente que Jesus curava “movido pela compaixão”. Diz-se literalmente de Jesus que “lhe estremeciam as entranhas” ao ver sofrer os enfermos.

grupo facilmente reconhecível. Não sabem o que é comer carne nem pão de trigo. Entre eles há mendigos que andam de povoado em povoado. Há diaristas sem trabalho fixo e camponeses fugidos de seus credores. Muitas são mulheres. Entre elas, viúvas que não puderam casar-se de novo, esposas estéreis repudiadas pelos maridos. Todos esses homens e mulheres têm um traço comum: vivem em um estado de miséria da qual já não poderão escapar. Jesus se une a eles como um mendigo a mais. Acolhe-os e os defende: “Felizes, vós, os pobres, o Reino de Deus é vosso; felizes, vós que agora tendes fome: sereis saciados; felizes, vós que agora chorais: haveis de rir”. Aquela miséria que os condena à fome, à enfermidade e ao choro não tem origem em Deus. O sofrimento desses pobres inocentes tem de ser levado a sério. Não pode ser aceito como algo normal, pois é inaceitável para Deus. Todos têm de saber que são filhos e filhas prediletos de Deus. Nunca em nenhuma parte se construirá a vida tal como a quer Deus sem libertar os pobres de sua miséria.

Porém, o mais surpreendente em Jesus não era vê-lo curar os enfermos aos sábados ou defender os últimos daquela sociedade. O que mais escandalizava era ver como acolhia amistosamente os pecadores e como se sentava à mesa com os publicanos e prostitutas: “Quê! Eis que come com publicanos e pecadores? Eis um comilão e um beberrão, amigo de pecadores”.⁷ Como pode agir assim um homem de Deus? Jesus não parece ouvir as críticas e insiste em acolher a todos. Não exclui ninguém. Ele conhece bem o coração do Pai. Todos podem contar com sua amizade. Até os pecadores que vivem distantes de Deus. Aqueles amigos e amigas que acolhe em sua mesa são filhos “perdidos” que não acertam voltar a Deus pelo caminho da Lei. Porém, Deus está a sua procura como um pastor busca sua ovelha perdida.⁸ Por isso, Jesus lhes oferece a amizade e o perdão de Deus antes da sua conversão. Faz isso confiando totalmente na compaixão de Deus. Não merecem o perdão. Ninguém o merece. Mas Deus é assim: misericórdia, amor e perdão gratuito. Ninguém tem realizado nesta terra um sinal mais cheio de compaixão e de perdão em nome de Deus.

7. Marcos 1,16;
Mateus 11,19; Lucas
7,34.

8. Lucas 15,4-7.

4. A parábola do Bom Samaritano

Esta parábola é a que melhor sugere a revolução introduzida por Jesus a partir de sua experiência da compaixão de Deus. Conforme o relato,⁹ um homem assaltado jaz abandonado na sarjeta de um caminho solitário. Afortunadamente, aparecem pelo caminho dois viajantes: primeiro, um sacerdote; logo, um levita. São representantes do Deus santo do templo. Com certeza, terão compaixão dele. Não é assim. Os dois dão a volta e continuam o caminho.

Aparece no horizonte um terceiro viajante. Não é sacerdote nem levita. Nem sequer pertence ao povo eleito. No entanto, ao chegar, vê o ferido, se comove e se aproxima. Depois, movido por sua compaixão, faz por aquele homem tudo o que pode: cura suas feridas, levanta-o, coloca-o sobre sua própria cavalgadura, leva-o a uma pousada, cuida dele e paga todo o tratamento. A atuação desse samaritano nos revela a dinâmica da verdadeira compaixão.

O olhar compassivo. O samaritano sabe olhar o ferido com compaixão. É o primeiro. A compaixão não brota da atenção à lei ou da reflexão sobre os direitos humanos. É despertada em nós a partir do olhar atento e responsável ao que sofre. Os Evangelhos têm conservado a lembrança do olhar compassivo de Jesus. Ao entrar em Nain, encontra-se com uma viúva que leva a enterrar seu filho único; segundo Lucas, “o senhor a viu, comoveu-se e lhe disse: ‘não chores’”.¹⁰ Assim é Jesus. Não pode ver ninguém chorando sem intervir. Porém, os evangelhos recordam, sobretudo, o olhar compassivo de Jesus sobre as multidões. “Ao desembarcar, viu muita gente, sentiu compaixão e curou seus enfermos.”¹¹

O discípulo de Jesus não fecha os olhos ante o sofrimento das pessoas. Aprende com Jesus a olhar o rosto dos que sofrem com olhos compassivos. Esse olhar nos liberta do egoísmo que bloqueia nossa compaixão e da indiferença que nos permite viver com a consciência tranquila. Como se tem dito, com razão, a mística cristã não é uma “mística de olhos fechados”, voltada exclusivamente para a atenção

9. Lucas 10,30-35.

10. Lucas 7,13.

11. Mateus 14,14.
Ver também Mateus 9,36.

interior. É uma “mística de olhos abertos” (J. B. Metz) ao sofrimento que nos rodeia.

Quem precisa de mim? O escriba havia perguntado a Jesus: quem é o meu próximo? Ao final da parábola, Jesus pergunta ao escriba: quem dos três viajantes foi o próximo do ferido? A pergunta que temos de nos fazer não é: quem é meu próximo? Até onde chegam minhas obrigações? Quem olha as pessoas com compaixão se pergunta: quem está precisando de que eu me aproxime e me faça seu próximo? Quando o discípulo de Jesus vive a partir da compaixão de Deus, se aproxima de todo ser humano que sofre, qualquer que seja sua raça, seu povo, sua ideologia. Não se pergunta “a quem devo amar”, mas “quem precisa de mim no momento”. Esta pergunta orienta sua atuação diante do sofrimento que vai encontrando pelo caminho.

O compromisso dos gestos. O samaritano da parábola não se sente obrigado a cumprir um determinado código moral. Simplesmente, responde à situação do ferido fazendo toda série de gestos orientados a aliviar-lhe o sofrimento e restaurar-lhe a vida. Nossa resposta aos que sofrem é sempre insuficiente e inadequada, porém o decisivo é romper a indiferença, viver semeando gestos de bondade e promover respostas ao sofrimento.

Assim é Jesus, o profeta da compaixão, que “passou sua vida fazendo o bem”.¹² Não tem poder político nem potestade religiosa. Não pode resolver as injustiças que se cometem na Galileia, porém vive semeando gestos de bondade orientados a mudar aquela sociedade. Abraça as crianças da rua porque não quer que os seres mais frágeis da Galileia vivam com órfãos; bendiz os enfermos e as enfermas para que não se sintam rejeitados por Deus ao não poder receber a bênção dos sacerdotes do templo; toca a pele dos leprosos para que ninguém os exclua da convivência; cura rompendo o sábado para que todos saibam que nem a lei mais sagrada está acima da atenção aos que sofrem; acolhe os indesejáveis e come com pecadores desprezados por todos porque, na hora de praticar a compaixão, o mau e o indigno têm tanto direito como o bom e o piedoso de ser acolhidos com misericórdia.

12. Atos dos Apóstolos 10,13.

Esses gestos não são convencionais. Nascem em Jesus de sua vontade de fazer um mundo mais amável e solidário, onde as pessoas se ajudem e se cuidem mutuamente. Não importa que, com frequência, sejam gestos pequenos. O Pai tem em conta até o copo de água que damos a quem tem sede. São gestos orientados a afirmar a vida e a dignidade dos seres humanos. Lembram que sempre é possível intervir para tirar o bem do mal que existe no mundo.

5. “Vai e faze tu o mesmo”

Jesus conclui a parábola do Bom Samaritano com esta pergunta: “Quem destes três te parece que foi o próximo de quem caiu nas mãos dos assaltantes?”. O escriba lhe responde: “Aquele que teve compaixão para com ele”. Jesus lhes disse: “Vai e faze tu o mesmo”. Agora sabemos o que temos de fazer: não dar a volta diante de alguém que esteja sofrendo, e sim abrir os olhos, olhar atentamente a tantos homens e mulheres assaltados, roubados, golpeados, abandonados nos mil caminhos da vida; aproximarmo-nos da sarjeta, levantar os feridos, curar os que sofrem.

Temos de entender bem Jesus. A compaixão não há de ficar reduzida a um sentimento do nosso coração. Não consiste em fazer de vez em quando uma obra de misericórdia. Para evitar mal-entendidos e reducionismos falsos, temos de entender a compaixão como um princípio que está na origem de todo o nosso agir, que imprime uma direção a todo o nosso ser e que vá configurando o nosso estilo de viver ao serviço dos que sofrem.¹³

Para compreender bem a compaixão de Jesus, temos de diferenciar três elementos. No primeiro momento, Jesus interioriza o sofrimento alheio, deixa que penetre em suas entranhas: o faz seu, deixa que o machuque. No segundo momento, esse sofrimento interiorizado provoca em Jesus uma reação, converte-se em ponto de partida para um comportamento ativo e responsável; vem a ser um princípio de ação, um estilo de viver. Por último, esse estilo de vida vai se concretizando em compromissos e gestos, orientados a erradicar o sofrimento ou, ao menos, aliviá-los.

13. Ver SOBRINO, J. *El Principio-misericordia*. Bajar de la rúa a los pueblos crucificados. Santander: Sal Terrae, 1992. p. 31-45.

Esse estilo de viver é o primeiro de um seguidor de Jesus. Nada há nada mais importante. Teremos que fazer muitas coisas na vida, porém a compaixão há de estar por trás de tudo. Nada pode justificar nossa indiferença diante do sofrimento alheio. A compaixão há de configurar nosso estilo de viver: nossa maneira de entender os acontecimentos e de olhar as pessoas; nossa maneira de nos relacionar e de conviver com os demais; nossa forma de seguir radicalmente Jesus.

Na cruz de Cristo, a força da formação à vida consagrada

GIOVANNI CIPRIANI

EDILAMAR DA GLÓRIA MARTINS

Nós consagrados/as não temos outra fonte, além da Cruz de Cristo, para viver nosso carisma, para alimentar nossa espiritualidade e missão.

A Vida Consagrada é vida de doação a Deus e ao seu povo, e é Cristo na cruz que nos ensina até onde chega essa doação.

Cristo crucificado é minha força

Lendo as Cartas do Apóstolo Paulo, podemos perceber como ele apresenta nelas uma verdadeira *pedagogia passiológica*, um itinerário formativo fundamentado na Paixão de Jesus, no Cristo morto-ressuscitado.

Ele afirma com decisão: “Cristo crucificado é força de Deus”.¹ E explica o porquê: “Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.²

Essas palavras expressam e sintetizam a experiência *fundante e fundamental* de fé e de amor de Paulo. No Cristo crucificado, ele descobre um modo novo de agir. A força que o leva a agir não é mais o “eu” que vive nele, mas Cristo, pois nele estão presentes “os mesmos sentimentos de Cristo”.³

Ser crucificado com Cristo supõe, para Paulo, um *câmbio de identidade*. Aquele Paulo que se destacou pela observância intocável da lei foi crucificado e nasceu um Paulo novo que entende sua existência a partir do Cristo Crucificado-Ressuscitado: “Se alguém está em Cristo, é criatura nova. O que era antigo passou, agora tudo é novo”.⁴

* **Giovanni Cipriani** é sacerdote religioso passionista. Doutor em Psicologia pela Universidade “La Sapienza” e em Teologia-Bioética pela Universidade Teológica Angelicum, ambas em Roma. Palestrante e articulista na área da bioética e da formação à Vida Consagrada. **Endereço do autor:** Rua Mato Grosso, 932, Bairro Santa Cruz, CEP 39440-000, Janaúba-MG. **E-mail:** giovcipr@gmail.com.

** **Edilamar da Glória Martins** é religiosa da Congregação das Irmãs Passionistas de São

Para Paulo, a força da Cruz de Cristo manifesta-se na criação do “homem novo”, de um novo sujeito, um “sujeito passiológico”. A “pessoa passiológica”, para Paulo, é aquela que age pela força do amor *do* Crucificado e pela força do amor *ao* Crucificado. É o relacionamento profundo com Ele que o leva a agir.

Por isso, daqui para a frente, tudo lhe parece pouco e irrelevante, um “lixo” ante a grandeza do amor de Cristo.⁵

O “Amou-me e se entregou por mim” é a verdadeira força que anima a vida e o apostolado de Paulo. Se antes ele agia em virtude da lei, agora age em força do amor. O amor do Crucificado é o ímã que o atrai.

Fazer “Memória da Paixão”

Paulo da Cruz (Paulo Danei, Itália, 1694-1775), fundador da Família Passionistas (religiosos/as, monjas, leigos/as), grande *místico* e *pregador* de missões populares do ‘700 – fala que a “Paixão de Jesus é a maior prova do amor de Deus para conosco”. Por isso, ele quis anunciá-la para que todos/as se dessem conta desse amor e o experimentassem.

Para ele, meditar a Paixão de Jesus e uniformar a própria vida aos sentimentos de Cristo é fazer *Memoria Passionis* (“Memória da Paixão de Jesus”). Na “Memória da Paixão” aprendemos a *Sabedoria da Cruz*. Sabedoria (*sapientia*) vem do verbo latim *saber*, que significa “dar sabor”. À escola da Sabedoria da Cruz, ele dizia, aprendemos a dar um “sabor novo” à nossa vida e ao nosso ministério pastoral.

A contemplação do Crucificado, então, para ele, se torna o melhor *remédio* para todos os males. E o esquecimento da Paixão ou do amor de Deus, expresso no Crucificado, é a causa dos *males* e dos pecados. Meditar a “Paixão de Jesus é meio eficacíssimo para destruir o mal” que está no nosso coração e na sociedade.

Fazer *Memória da Paixão* de Jesus não era, para Paulo, glorificar a dor. A cruz de Cristo é escândalo e como tal ela é recordada. Mas o objetivo da memória é antes de mais nada *captar o amor de Deus*, que é derramado por eles, através da Cruz de Cristo.⁶

Paulo da Cruz, com experiência em formação. Graduada em Pedagogia, Psicologia e Pós-Graduada em Psicopedagogia pela PUC de São Paulo. Tem curso de Catequese Superior pelo Instituto Salesiano Pio XI de São Paulo. Fez sua preparação em formação pela Escola para Formadores Transcender de São Paulo. Atua na área Clínica e assessora formações a Congregações e à CRB de São Paulo.

1. 1Cor 1,24.

2. Gl 2,19-20.

3. Fl 2,5.

4. 2Cor 5,17.

5. Fl 3,7-8.12.

6. O Papa Bento XVI diz que “fé no seu núcleo profundo significa aceitar de ser amado por Deus” (Homilia na abertura do Ano da Fé, 11 de outubro de 2012).

Jesus morreu na Cruz, não porque Ele desprezasse a vida, mas porque a amava tanto que não podia consentir que fosse desfrutada só por alguns privilegiados; não porque desdenhou a felicidade, mas porque a defendia e a procurava para todos, sobretudo para os mais esquecidos, desprezados e indefesos; não porque amava o sofrimento, mas para que os homens e as mulheres aprendessem a amar como Ele nos amou, para não mais crucificar ninguém.

Por isso, Paulo da Cruz dizia que a Paixão de Jesus não é apenas um fato histórico do passado, mas sim uma realidade presente na vida dos homens, especialmente, nos “crucificados” pela injustiça, pela falta de sentido profundo da existência humana, pela fome de paz, de verdade e vida.

Viver a *Passio in cordibus* (“Viver no coração a Paixão de Jesus”) para Paulo da Cruz é a verdadeira força da renovação espiritual. Ela torna-se uma força e um foco capazes de renovar e apaixonar o coração.

Passio in cordibus significa viver “aos pés do Crucificado” com *olhar contemplativo*, para olhar a vida e o mundo iluminados pela Paixão de Jesus e adquirir aquela *forma mentis* que torne possível amar o mundo a partir da Cruz de Jesus.

Essa *atitude contemplativa*, por um lado, nos revela o mistério de Deus em Jesus Cristo, por outro, nos impele para a história do homem, que devemos abordar com os sentimentos e o coração de Cristo.

Uma contemplação que nos faça entrar na *paixão de Jesus pela vida*; paixão que Jesus viveu em comunhão plena com o Pai, como compaixão com os pequenos e excluídos que sofrem, como denúncia apaixonada e audaz de tudo o que ameaça a vida e como dom pleno de si mesmo por todos.

Essa atitude contemplativa levava São Paulo da Cruz a ver “gravado o Nome de Jesus crucificado na fronte dos pobres”. É a partir daí que ele amava e evangeliza os pobres, “a partir de Cristo” (mística) e não “a partir dos pobres” (sociologia). Nesse câmbio de perspectiva há consequências profundas para nós, Religiosos/as: *somente quem sabe ver o rosto de Jesus nos pobres consegue mostrar o rosto de Deus aos pobres!*

Para ele, a sabedoria que brota do coração do Crucificado é a *peneira*, o crivo pelo qual devem passar permanentemente os sentimentos, as emoções, os critérios, os projetos e as decisões importantes da vida do/a consagrado/a.

Proposta para um itinerário formativo passiológico

Paulo apóstolo e Paulo da Cruz indicaram-nos claramente que a *motivação fundante* (da qual derivam todas as outras) da nossa vida, espiritualidade e missão não pode ser o trabalho pastoral ou a opção pelos pobres, mas, sim, Cristo crucificado que “me amou e se entregou por mim”.

Quando a opção fundante é bem clara, para nós, religiosos/as, tudo se torna mais fácil: “fazemos muito, com rapidez, leveza e sem tanto esforço”, como dizia Santa Teresa.⁷

As nossas crises vocacionais e as dos nossos jovens em formação dependem muitas vezes da falta de clareza nesse sentido.

Nossa realidade apresenta, sobretudo ao jovem, facilidades, possibilidades de viver descompromissado, realçando o viver com intensidade o momento presente, deixando no esquecimento as consequências, o futuro e a construção do projeto de vida. Nesse contexto, mais do que nunca, se faz necessário que a formação apresente e oriente a busca do Crucificado como fundamento seguro. Assim, podemos dizer que um itinerário formativo consistente deve comportar a *força da Cruz* que tem como essência “o ícone do Cristo que se entrega totalmente ao Pai e aos irmãos” e, nessa ótica, “toda ação educativa tende a criar no jovem aquela mesma disponibilidade ou aquele sentimento de amor imenso que levou o Filho a se tornar homem, e se converter num servo, humilde e obediente, livre e dar a vida por amor”.⁸

Da cruz de Cristo aprendemos a beleza da nossa consagração

“Da contemplação de Cristo crucificado, recebem inspiração todas as vocações” (VC 23). Jesus, doando livremente

7. Teresa d’Avila. *Obras*; o livro da vida, cap. 22.

8. CENCINI, A. *Os sentimentos do Filho*. São Paulo: Paulinas, 2002.

sua vida na cruz, ensina-nos que o amor é a verdadeira *beleza* da vida e a verdadeira *força* que liberta o coração do egoísmo.

A pessoa consagrada... experimenta a verdade de Deus-Amor de modo tanto mais imediato e profundo quanto mais se aproxima da cruz de Cristo. Na verdade, Aquele que, na sua morte, aparece aos olhos humanos desfigurado e sem beleza, a ponto de obrigar os espectadores a desviar o rosto (cf. Is 53,2-3), manifesta plenamente a beleza e a força do amor de Deus, precisamente na cruz (VC 24).

Como consagrados/as, somos as testemunhas dessa *beleza* e *força* do amor de Deus. É a partir da contemplação de Cristo crucificado que aprendemos a viver a *beleza* da nossa vida de consagração. Nossa vida de consagradas/os, de fato, reflete o *esplendor* do amor de Deus, porque confessa, com a sua fidelidade ao mistério da Cruz, que crê e vive do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Desse modo, contribuímos para manter viva na Igreja a consciência de que *a cruz é a superabundância do amor de Deus que transborda sobre este mundo*; ela é o grande sinal da presença salvífica de Cristo (VC 24).

Cristo crucificado, então, torna-se, para nós a *opção fundamental* para todas as outras opções. Não somos religiosos/as *in primis* (em princípio) para ajudar os pobres, para fazer esse ou aquele trabalho pastoral/social, para viver nesta ou naquela comunidade etc. Essas são apenas opções consequenciais, ou seja, o “lugar” e “tempo” para viver a opção fundamental.

Não podemos perder de vista essa *centralidade de Cristo* na nossa vida. O nosso mundo, tão cheio de urgências, nos envolve numa roda viva que dificulta a parar, impulsionando a uma vida frenética cheia de compromissos, demandas e necessidades. Ante essa realidade, se faz necessário retornar à *escola do silêncio aos pés da Cruz*, onde aprendemos a escutar, a nos vermos tal como somos sem subterfúgios com nossas possibilidades e debilidades.

Frequentando essa escola do silêncio, iremos solidificando a arte de contemplar e assimilar o ensinamento que é o amor até as últimas consequências. Eis a beleza: *entregar a vida, perder a vida como fez o Crucificado*.

Dom Luciano Mendes (1996) lembrava-nos que “o que realiza a pessoa humana é o amor, e o/a consagrado/a vive esse amor na entrega total a Cristo com reciprocidade afetiva e, na oração, bem como na contemplação, pode expressar esse amor”.⁹ Esse amor é concreto, é sinal visível; por isso, podemos falar de beleza, expressa na visão do outro como filho de Deus, igualmente amado que merece ser olhado e atendido da melhor forma.

Somente quem parte do Cristo crucificado consegue estar e permanecer junto com os crucificados de nosso tempo (os pobres, doentes, abandonados, marginalizados e tantos outros) sem acabar de “viver dos pobres”. Aos pés da cruz aprendemos a resposta mais coerente do amor: amor-entrega, amor-serviço, o amor-doação.

Da cruz de Cristo aprendemos a viver a riqueza dos votos

No Cristo crucificado são expressos na maneira mais profunda os votos de nossa profissão religiosa: na cruz “o seu amor virginal pelo Pai e por todos os homens atingirá a máxima expressão; a sua *pobreza* chegará ao despojamento total; a sua *obediência* irá até ao dom da vida” (VC 23).

Os votos, do ponto de vista teológico, não são um valor absoluto, eles expressam uma relação. Por isso, temos que “relativizá-los” sempre; “relativizar” não significa “valorizar pouco”, mas “pôr em relação”. Se perdemos de vista o *significado cristológico dos votos*, perdemos também de vista a riqueza e a beleza dos votos!

Os votos expressam nosso compromisso de *seguir e imitar* a Cristo-pobre-casto-obediente. Através da profissão dos Conselhos, de fato, não só fazemos “de Cristo o sentido da nossa vida, mas preocupamo-nos por reproduzir em nós mesmos, na medida do possível, aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo” (VC 16).

9. MENDES, Dom Luciano. *Jesus Cristo, Luz da Vida Consagrada*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 107.

Então o valor não é a pobreza-castidade-obediência, mas Cristo e sua missão. Eu não faço voto de pobreza-castidade-obediência, mas eu faço voto de seguir Cristo pobre-casto-obediente.

Os votos “fora” de Cristo não têm sentido. E a consequência é que iremos sempre medir com o “centímetro” ou pesar com a balança, se estamos dentro do “padrão” da pobreza-castidade-obediência, se estamos transgredindo ou menos.

E o risco é que podemos viver uma pobreza-castidade-obediência “pecaminosa”! Uma *pobreza* que é expressão de avareza, de “pessoa pão-dura”; uma *castidade* que expressa um coração fechado, um coração estéril, uma maternidade/paternidade patológica; uma *obediência* que é submissão, renúncia à própria responsabilidade.

Ou seja, os votos estão a serviço da *caridade*. Não há votos fora do amor ou sem amor. Os votos fora da caridade se tornam limitações. João Paulo II, no documento *Pastores dabovobis*, não considera a pobreza, a virgindade e a obediência como categorias isoladas, mas como valores unidos ao amor. Ele fala de *virgem amor, amor pobre e amor obediente*.

A fórmula da Profissão religiosa dos Passionistas diz: “Eu... faço voto de castidade, pobreza e obediência... para que... chegue à perfeita caridade no serviço da Igreja de Deus” (n. 96).

Isso significa que os votos não são o “fim” da vida consagrada, mas um meio para “chegar ao amor perfeito”.

A *pobreza* tomada a partir da *cruz de Cristo* nos coloca ante a renúncia: “... renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”. Concretamente, significa voluntariamente deixar os gostos, o prazer, as possibilidades, as vontades, abrir mão das comodidades para viver no limite, porque a cruz comporta a entrega em favor do outro.

A *obediência* expressa na *cruz de Cristo* é certamente uma escola para nós que, como seres humanos, trazemos inerentes a ânsia por autonomia, por liberdade; queremos ser senhores de nossa história, de nossas vidas e projetos. A

vontade do Pai era a essência da vida de Cristo, e assim ele chega a dizer que fazer a vontade do Pai é o seu alimento (Jo 4,34). Cristo Crucificado, na sua obediência ao projeto do Pai, dá a vida em favor da humanidade, deixa de fazer a sua vontade, entrega sua vida para que tenhamos mais vida e, aqui, entra a dimensão da comunhão.¹⁰

A *castidade*, a partir da *cruz de Cristo*, traz a essência da riqueza que é o amor sponsal a Deus e a seu projeto. É por amor que o Cristo abraça a morte de cruz. Aqui se ressalta a Paixão de Deus pelo mundo, ou, melhor dizendo, pelo ser humano.

No seguimento de Jesus, os votos nos colocam em sintonia com o Crucificado, permitindo-nos livremente viver o despojamento pleno das três grandes dimensões humanas: o *ter*, o *poder* e o *prazer*, para viver e para abraçar o bem necessário que irradia da entrega total e incondicional ao projeto do Cristo Jesus.

Assim entendidos, os votos dos/as consagrados/as tornam-se uma *proposta terapêutica*, um “remédio eficaz” para a cultura de hoje, doente de liberdade, de prazer e de poder.

10. “A obediência a Deus, o sim ao chamado de Deus, leva o consagrado à consciência de comunhão universal” (GOYA, Benito. *Psicologia e Vida Consagrada*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 158).

IR. VANDA T. BISATO*

PE. AGENOR MARTINS DA SILVA**

A Conferência dos Religiosos do Brasil, Regional MS, vem manifestar sua inquietação diante das injustiças sofridas pelos Povos Indígenas de nosso Estado. Sentimos-nos indignados diante da inércia do Governo Estadual e Federal. É incompreensível o fato de que uma instância governamental tenha produzido um laudo antropológico favorável aos Índios Terenas, reconhecendo o direito à posse da terra (que legitimou a ocupação), e, ao mesmo tempo, outra instância governamental (poder de posse de forma violenta e trágica, levando à morte o líder Terena Oziel Gabriel, negando o laudo, tenha mandado um “verdadeiro batalhão” de militares para a área em litígio para fazer “tal” reintegração.

A truculência do Estado policialesco é assustadora; isso, além de esquecer sua vocação maior, que é dar garantia de vida ao cidadão, nos obriga a conviver com um policiamento com alto índice de agressividade e total despreparado para atuar em situações mais delicadas.

Nós, Religiosos e Religiosas, presentes em todo o Estado do MS, vimos a público manifestar a nossa indignação diante de tais fatos e ao mesmo tempo nossa solidariedade com a causa de todos os pobres. Muitas das nossas comunidades religiosas atuam junto a várias etnias indígenas presentes no Estado. Por isso, a morte de mais uma liderança indígena provoca em nós o grito pela vida baseada nas palavras de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

* **Ir. Vanda T.**

Bisato é presidente da CRB de Campo Grande. **Endereço da CRB:** Rua Dom Aquino, 1326 – Ed. Arnaldo Serra, Apto. 203 – Centro. CEP: 79002-180 – Campo Grande-MS. Tel.: (67) 3321-2115.

** **Pe. Agenor Martins da Silva,**

é gestor administrativo da CRB de Campo Grande. **Endereço da CRB:** Rua Dom Aquino, 1326 – Ed. Arnaldo Serra, Apto. 203 – Centro. CEP: 79002-180 – Campo Grande-MS. Tel.: (67) 3321-2115.

O povo indígena toma consciência de si mesmo e opta pela vida; isso se evidencia na existência de um grande número de crianças, adolescentes e jovens em suas famílias; daí ser a terra um elemento vital para sua sobrevivência étnica.

A coragem e fé do Povo Indígena convocam a todos os homens e mulheres de boa vontade a unirem-se em prol da construção de uma sociedade justa e fraterna que seja digna para todos os seus cidadãos. Todos somos convocados a fazer nossa essa luta de unidade para que a justiça prevaleça e a vida possa seguir seu rumo segundo os desígnios de Deus.

4 de junho de 2013

Presidência da CRB REGIONAL de Campo Grande (MS)

EMILI TURÚ*

A beleza salvará o mundo, faz afirmar Dostoievski a uma personagem de uma de suas novelas. O mesmo Dostoievski nos explica: “A humanidade pode viver sem a ciência, pode viver sem pão, mas sem a beleza não poderia continuar, porque não haveria nada a fazer no mundo. Todo o segredo está aqui, toda a história está aqui”. Nossa experiência nos demonstra de maneira confiável que nem a violência nem os que detêm o poder em seu próprio benefício salvarão o mundo.

Então, de que necessita o nosso mundo, tão estruturalmente injusto e com tanta violência? Abrir-se à beleza do silêncio, da admiração, da gratuidade. O coração humano está sedento disso, embora nem sempre acerte no caminho para consegui-lo.

No dia em que se inaugurou o Concílio Vaticano II, milhares de pessoas concordaram em acudir à Praça São Pedro com tochas, peregrinando de diversos lugares da cidade. O Papa João XXIII relutava em aparecer à janela de seu apartamento particular e dirigir-se à multidão, porque não queria esse protagonismo para si. Finalmente, Mons. Capovilla, seu Secretário, consegue convencê-lo, e o Papa começa a falar de maneira espontânea. Trata-se do mundialmente conhecido *discurso da Lua*, imortalizado pela RAI. Por que se lhe deu esse título da *Lua*, se ele, de fato, falou de muitas coisas? Porque tocou o coração das pessoas, emocionando-as, como nos emociona ainda hoje, quando tornamos a escutar suas palavras:

* **Emili Turú** é superior-geral do Instituto Marista.

Olhem como está bonita a Lua nesta noite: dir-se-ia que se apressou para contemplar esse espetáculo, que nem sequer a Basílica de São Pedro, que tem quatro séculos de história, pôde contemplar. Minha pessoa não conta para nada; é um irmão que lhes fala... Quando chegarem em casa, encontrarão as crianças: acariciem-nas e digam-lhes que é a carícia do Papa. Encontrarão algumas lágrimas a enxugar. Digam: o Papa está com vocês, especialmente nas horas de tristeza e de amargura...

Numa época de crise da Igreja e da sociedade, o Papa fala da beleza da Luz, de acariciar as crianças, de enxugar lágrimas... E isso é a única coisa que a maioria das pessoas recorda desse dia tão importante!

Falando com alguns jovens que participaram da Jornada Mundial da Juventude, em Madri, em agosto de 2011, perguntei-lhes o que mais os havia impressionado: sem duvidar um momento, disseram que foi o silêncio vivido por mais de um milhão e meio de jovens em adoração. A mesma coisa havia escutado de jovens que participaram em Sidnei, em 2008. Não sei se recordarão algo das palavras do Papa, mas esse silêncio, certamente, tocou profundamente suas vidas, de maneira tal que nem eles sabiam explicar. Provavelmente aqui se cumpra o que dizia Von Balthasar: “A primeira coisa que captamos do mistério de Deus não costuma ser a verdade, mas a beleza”. E nós... o que fazemos? Falar, falar, falar...

Tudo isso não estará nos indicando uma nova direção para nós mesmos e para nossa maneira de educar e evangelizar? Edgar Morin usa a imagem da metamorfose para descrever as mudanças que se devem produzir na sociedade: é preciso começar de novo. De fato, tudo começou, mas sem que nos tenhamos dado conta. Estamos nos começos, modestos, invisíveis, marginais, dispersos. “Pois já existe, em todos os continentes, uma efervescência criativa, uma multidão de iniciativas locais, no sentido de regeneração econômica, social, política, cognitiva, educacional, ética ou de reforma da vida.” Nesse processo de metamorfose, afirma Morin, “a orientação desdobrar-se e dobrar-se significa que o objetivo não é o calculável, mas o retorno de cada um a suas

necessidades interiores, o grande regresso à vida interior e à primazia da compreensão do próximo, o amor e a amizade”.

O grande regresso à vida interior. Em cada pessoa humana há uma inspiração insaciável que surge do mais profundo de seu ser. O poeta José Angel Valente chama-a de *nostalgia das brânquias*, porque... *estamos na superfície apenas para fazer uma inspiração profunda que nos permite voltar ao fundo*. Em muitas partes do mundo existem sinais desse retorno à vida interior, à busca espiritual. Onde é que eu me situo nessa busca?

Em nossas sociedades de hoje, não importa o continente em que estejamos, vivemos no meio de forças muito poderosas que, se não nos dotarmos de uma séria disciplina, nos levarão a viver numa superficialidade permanente. Essa foi talvez a experiência de Santo Agostinho, tal como a descreve em suas *Confissões*:

Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que tu estavas dentro de mim e eu fora, e por fora te buscava; e disforme como era, me lançava sobre essas coisas formosas que criaste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que, se não estivessem em ti, não existiriam.

Até debaixo da aparência do compromisso apostólico podemos viver engolidos numa espiral de ativismo:

Os anos nas favelas foram excepcionais. Pude salvar crianças da morte. Foi extraordinário. Entretanto, o que faço hoje no silêncio e no “ocultamento” não é menos apaixonante. Vivo em meu corpo o sofrimento da pobreza. Não a pobreza material. Hoje minha pobreza é a inação. A ação me dava a sensação de existir. Quanto mais ação, mais viva me sentia. E foi “embriagante”. Era somente uma miragem, mas não me dei conta enquanto estava na atividade. Tive que sofrer a prova da incapacidade, ligada ao fato de que sou uma anciã, para descobrir essa verdade essencial. E talvez se trate de uma das maiores graças de minha vida, porque agora estou na pura verdade. Já não posso esconder-me por trás da Soeur Emmanuelle, ativa em todas as

frentes (Soeur Emmanuelle, conhecida como a Irmãzinha dos trapeiros.)

O mundo não necessita mais de ativistas frenéticos, mas de pessoas pacificadas: esse é o fundamento mais sólido para a paz em nossas sociedades.

[...]

O Papa nos recorda a todos os religiosos que, por vocação, somos buscadores de Deus.

A essa busca consagrais as melhores energias de vossa vida. Passais das coisas secundárias às essenciais, ao que é verdadeiramente importante; buscais o definitivo, buscais a Deus, mantendes o olhar dirigido a ele. Como os primeiros monges, cultivais uma orientação escatológica; por trás do provisório, buscais o que permanece, o que não passa. Buscais a Deus nos irmãos que vos deu, com os quais compartis a mesma vida e missão. Vós os buscais nos homens e nas mulheres de nosso tempo aos quais sois enviados para oferecer-lhes, com a vida e a palavra, o dom do Evangelho. Vós o buscais particularmente nos pobres, primeiros destinatários da Boa-Nova. Vós o buscais na Igreja, onde o Senhor se torna presente, sobretudo na Eucaristia e nos demais sacramentos, e na sua Palavra, que é caminho primordial para a busca de Deus; ela nos introduz no colóquio com ele e nos revela sua verdadeira face. Sede sempre buscadores e testemunhas apaixonadas de Deus (Bento XVI).

Como vamos desenvolver essa dimensão mística de vida? Pagando o preço necessário para que possa brotar, desenvolver-se, florescer: silenciar, dedicar tempo à contemplação, à escuta atenta da Palavra, à celebração da fé... Com paciência e constância, sem pretensões. “Ainda que nossos esforços de anos de atenção nos pareçam sem resultado, um dia uma luz, exatamente proporcional a esses esforços, inundará a alma” (Simone Weil).

FONTE: CSC. GRÁFICA, S.R.L. ROMA, ITÁLIA.

TRADUÇÃO: IR. SALVADOR DURANTE.

O público e o privado na Vida Religiosa hoje

PLUTARCO ALMEIDA*

“Não tenham medo deles, pois não há nada escondido que não venha a ser revelado, e não há nada de oculto que não venha a ser conhecido” (Mt 10,26)

1. Começando a nossa conversa...

Este trecho do Evangelho de Mateus dá o que pensar. Com certeza ele poderia ter sido escrito agora mesmo por um especialista em novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) ou, quem sabe, até por um simples usuário frequente da internet. Retirado o seu caráter religioso/cristão, o texto é perfeitamente coerente com o que se discute nos dias de hoje acerca da relação público x privado. De fato, queiramos ou não, concordemos ou não, o mundo está ficando cada vez menor, mais transparente e mais devassado também. Basta apenas teclar ou encostar o dedo na tela e pronto: quase tudo se sabe de tudo (e de todos)!

Ora, será que Jesus estaria profetizando algo que fatalmente iria acontecer depois de mais de dois mil anos da sua morte e ressurreição? A sociedade tecnologicizada em que vivemos não é porventura isso mesmo, a quebra de toda privacidade e a conseqüente publicização de toda e qualquer informação? E para quem duvidava da atualidade da Palavra de Deus, não seria essa a prova maior?

2. Pesquisas...

Em março deste ano, o caderno “TEC” do jornal *Folha de São Paulo* completou 30 anos de circulação e, para marcar

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta. **Endereço do autor:** Av. Governador José Malcher, 1169, CEP: 66055-230, Belém-Pa. **E-mail:** plutarcosj@yahoo.com.br.

a data, publicou uma série de matérias sobre o desenvolvimento das tecnologias da informação ao longo destas três décadas e o que se espera daqui a 30 anos. Vamos destacar aqui apenas aquilo que achamos mais interessante. Oxalá os nossos comentários possam ajudar a VRC a ficar mais conectada a este “mundo novo” no qual vivemos, nos movemos e somos.

O jornal traz, por exemplo, uma matéria sobre o futuro da internet. De acordo com a *Folha*, “Daqui a trinta anos não se falará sobre a internet. Não porque ela terá desaparecido, mas porque, como a eletricidade, será invisível. Estará nas roupas, nos móveis, nos carros – e tudo e todos estarão conectados”. A visão da chamada internet das coisas já se desenha hoje, é encampada por muitos futurólogos e por um dos pais da rede, Vint Cerf, atualmente “evangelista chefe da internet no Google”.

Um segundo tema tratado nesse caderno especial da *Folha* diz respeito à privacidade. A própria manchete por si só já assusta um pouco: “Privacidade vai se transformar em um luxo caro”. Para os(as) Religiosos(as) que ainda acham que podem ter uma “vida privada”, longe dos holofotes do mundo, publicamos uma parte do texto: “Estamos passando por uma mudança enorme em relação a quem somos como espécie. Os indivíduos que serão bem-sucedidos neste mundo novo não valorizarão a privacidade da forma que a valorizamos hoje. A privacidade se tornará um luxo caro”. Esta palavra é de Patrick Tucker, editor adjunto da revista *The futurist*. Por sua vez, Gerd Leonhard, escritor e futurólogo (que não tem nada a ver com adivinhação, diga-se de passagem), afirma, no mesmo jornal, que a humanidade caminha para o fim da mentira: “Vai ser muito difícil para as pessoas, os governos, os políticos e as empresas não dizerem a verdade. O que vimos com o wikiLeaks será a norma”.

Para quem não sabe, wikiLeaks foi aquele escândalo ocorrido nos Estados Unidos, em 2011, quando milhares de documentos secretos do Governo Americano foram publicados, ou melhor, “caíram na rede”. O que era secreto, secretíssimo, de uma hora para outra virou público, tudo ao alcance de todo mundo que tivesse um simples computador conectado à rede.

3. *A discussão...*

No artigo deste mês, gostaríamos de propor uma reflexão exatamente sobre o tema da privacidade e da publicidade na VRC, tendo em vista tudo isso que acabamos de mencionar. O que é público e o que é privado, para nós, Religiosos(as), hoje em dia? De que forma estamos “publicizando” o que somos e o que fazemos? Como podemos nos resguardar de certos “vazamentos” de informações num mundo cada dia mais interligado? Que repercussões positivas ou negativas poderiam ter? Em suma: o que é público e o que é privado para nós? Quais os assuntos que podem e devem ser comunicados e quais são aqueles que, ao contrário, jamais poderiam escapar das quatro paredes da Comunidade Religiosa?

Essa questão pode parecer muito simples, mas não é. Tempos atrás, quando se tinha um modelo de VRC centrado na estrita obediência às normas, ou seja, quando sabíamos o que dizer e o que não dizer, o que comunicar e o que silenciar, por certo era mais fácil. A definição do que era público e do que era privado era muito clara. O que se passava dentro da Comunidade, do convento, do mosteiro ficava ali dentro mesmo. Mesmo internamente, no refeitório, nos corredores e nos momentos de recreio, as conversas eram contidas, discretas. Lá fora, pouco ou quase nada se sabia dos costumes e da própria forma de vida que levavam os(as) Religiosos(as). O mundo da Casa Religiosa era um, o mundo lá fora era outro, completamente diferente. As “pontes” entre esses dois mundos quase sempre eram estreitas e muito bem controladas por quem de direito.

Evidentemente que a moldura social/religiosa favorecia esse modelo. Por sua vez, na sociedade em geral, a coisa não era muito diferente, não. As informações circulavam muito pouco e com dificuldade de toda ordem, mesmo porque não existiam os meios tecnológicos de hoje. A carta, por exemplo, que era um veículo de comunicação bastante utilizado por todo mundo, inclusive pela VRC, demorava uma vida para ir de uma cidade para outra. Quando algum(a) Religioso(a) e/ou sua Congregação queria dar publicidade aos seus atos, isso demandava tempo e trabalho, sobretudo

tempo. Agora imaginemos com que facilidade e com que velocidade hoje podemos fazer circular as informações. Num piscar de olhos, ao simples “clique” de um botão, espalhamos o que somos e o que fazemos (ou não fazemos).

4. O X da questão...

Vamos, então, por partes. *O que é público e o que é privado, para nós, Religiosos(as), hoje em dia?* Prezado(a) leitor(a) da *Convergência* que nos acompanha nesta seção, permita-nos restringir a resposta a essa pergunta ao âmbito das relações internas da VRC. Deixemos de lado, por enquanto, as nossas relações com o mundo exterior (se é que ainda existe essa divisão). Vamos falar de nós, das nossas Casas Religiosas. Muitas vezes a nossa comunicação interna é tão fraca, é tão débil que as informações não circulam ou circulam de forma errada prejudicando a sadia convivência entre nós. Há muita falta de comunicação e/ou comunicação ruidosa por aí. Isso tudo tem um preço, é claro.

Citemos apenas um exemplo que se dá no âmbito do governo, da forma como é dirigida a VRC. Com todo respeito e sem querer ofender ninguém, infelizmente (desgraçadamente, como dizem os espanhóis) existem Coordenadores, Superiores de Comunidade, Conselheiros(as), Provinciais, Gerais que parecem governar apenas para o seu grupinho. Quem não faz parte desse seletto grupo, fica por fora, não sabe de nada, ou toma conhecimento de uma forma distorcida. As decisões são tomadas “na calada da noite” e quando a gente acorda... lá vem a notícia, muitas vezes “a bomba”! E aí surgem as exclamações do tipo “Ah, eu não sabia de nada!” O que devia ser público, já que se tratava de assunto de interesse comum, tornou-se “privado”, isto é, propriedade de um pequeno grupo de privilegiados (iluminados?). Além disso, é claro, às vezes entre os(as) Religiosos(as) pertencentes a uma mesma Comunidade predomina o recurso ao silêncio como forma de defesa (ou de ataque), e aquelas informações que poderiam ajudar a todos(as) acaba no “zum-zum-zum”, na terrível fofoca dos corredores que nada constrói de positivo, muito pelo contrário.

Também ocorre, e até com frequência, o inverso, quer dizer, assuntos internos que nunca deveriam ganhar as ruas são jogados ao ar como se fossem penas de galinha ou flocos de isopor. Essas informações maléficas logo se espalham que é uma beleza. Divergências de opiniões são expostas nas redes sociais, quando não nas revistas e nos jornais, para todo mundo saber. Reputações são massacradas da noite para o dia. E quanta falta de caridade acontece! Lembrem-se de um famoso “padre artista” que deu uma entrevista na maior revista semanal do Brasil atacando a sua própria Igreja? Conclusão: O que devia ser tratado dentro da nossa casa, na intimidade/privacidade, tornou-se público. Muitas vezes, o que devia ter sido objeto de uma conversa, de um diálogo respeitoso, maduro, dentro da Comunidade Religiosa, acaba no centro da praça, mesmo que essa praça seja a tela dos computadores, smartphones e tudo o mais.

Outra pergunta que nos parece muito pertinente: de que forma estamos “publicizando” o que somos e o que fazemos? É inevitável nos tempos atuais, e o será ainda mais daqui a 30 anos, de acordo com o jornal *Folha de São Paulo*, que tudo “caia na rede”. Repetindo o que declarou Patrick Tucker, “A privacidade se tornará um luxo caro”, e isso certamente se aplica e se aplicará cada vez mais também a nós, Religiosos(as), por que não? Parece incrível, mas, por mais grossas que sejam as paredes de um mosteiro, por exemplo, isso não impedirá de maneira nenhuma que tudo o que ali acontece se torne de repente assunto conhecido de milhões de pessoas. As antigas (e novas) normas, por mais rígidas que sejam, talvez não consigam segurar essa explosão. É pagar pra ver!

5. Então, o que fazer?

Se nem a grossura das paredes da Casa Religiosa, nem o rigor das normas canônicas resolvem, o negócio é apostar no discernimento. Sim, tudo leva a crer que esta palavra que já é poderosa ganhará num futuro próximo uma importância extraordinária. Não se trata de mais um modismo, algo que passa rápido e volta dentro de algum tempo com

nova embalagem. Não, não é isso. Discernir, especialmente para nós, Religiosos(as), será tão necessário daqui para frente como beber água todos os dias! Sim, ninguém se engane, nenhuma “publicização” do que somos e do que fazemos poderá passar ao largo de um processo de discernimento pessoal e comunitário, por mais simples que seja. Ainda que não se gaste muito tempo porque, afinal, a roda do mundo tende a girar cada vez mais rápido, discernir é preciso. De igual modo, o respeito à privacidade individual e comunitária, os assuntos que só interessam a determinado irmão ou irmã, à Comunidade Religiosa ou à Congregação/Instituto será também fruto desse diálogo. Publicar ou não, dar a conhecer ou resguardar será sempre uma decisão tão madura quanto possível, a ser tomada após o discernimento.

As Famílias Religiosas que souberem captar e entender os “sinais dos tempos”, como preconizava o Concílio, poderão, de fato, seguir adiante. Entretanto, aquelas que ficarem na beira do caminho ou na janela vendo a banda passar... é bem provável que sejam suprimidas do mapa. Isto vai exigir (já está exigindo!) a adoção de novas posturas dentro e fora das nossas Casas. Entendemos como “novas posturas” aquelas que necessariamente estão fundamentadas no diálogo, na tomada de decisões feita com transparência, ressaltando sempre o espírito fraterno que deve reinar entre nós, Religiosos(as).

* **Célia Luiza Araújo do Carmo** é religiosa Ministra dos Enfermos de São Camilo (MESCC); realizou o curso de Formação para a Vida Religiosa pela ESTEF Porto Alegre-RS. Acadêmica de Enfermagem pela Faculdade São Camilo – RJ, trabalha com a Pastoral da Juventude. Participou dos grupos Novas Gerações e Vida Religiosa em Feira de Santana-BA, em São Leopoldo-RS e atualmente, no Rio de Janeiro, é membro da equipe

Influência das novas tecnologias na formação religiosa

CÉLIA LUIZA ARAÚJO DO CARMO*

Tornaram-se comuns a transmissão, o armazenamento e a produção de textos, imagens, sons e vídeos. As Novas Tecnologias de Informação (NTI) favorecem maior rapidez e agilidade no processo de transmissão de informações, buscas de dados, contato com pessoas distantes e próximas geograficamente, acesso a informações, crítica e multiplicação das mesmas, diminuindo assim o monopólio dos meios tradicionais de transmissão de informações, pertencentes a um mesmo grupo e que não divergem entre si; só veiculam aquilo que é do interesse pessoal ou político do grupo. Na rede, todos podem publicar o que pensam, acontecendo uma interação que não era favorecida pelos meios de comunicação tradicionais.

O respeito e a valorização da vida humana devem passar também pelos relacionamentos que são criados e se desenvolvem na rede; pessoas não deixam de ter dignidade, sentimentos, razão, enfim, não deixam de ser pessoas por inteiro, pelo fato de estarem “invisíveis” na telinha do PC, ou por não fazerem parte da minha teia de relacionamentos social.

O que diz a Igreja sobre uso dos meios de comunicação

São muitas as formas de evangelizar. Conforme a *Instrução pastoral do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais* (1999, p. 20), a evangelização acontece através do “testemunho de vida, do catecismo, do contato pessoal, da piedade

popular, da liturgia e outras celebrações analógicas”. Além disso, a inteligência humana tem propiciado meios para realizar a evangelização, utilizando essas novas técnicas, integrando a mensagem anunciada ao audiovisual, que tem uma grande força na vida das pessoas.

A comunicação social contribui para que as pessoas se comuniquem entre si, segundo a Comissão Pontifícia (1971, p. 8-9), aumentando assim a comunhão entre elas, a exemplo da Santíssima Trindade, tomando consciência da importância da Vida Comunitária, de que somos seres que precisam manter relações. Temos também, por outro lado, uma influência negativa dos meios de comunicação, que favorece a desunião, a não vivência dos valores cristãos e o incentivo ao individualismo.

Continua dizendo o citado documento (p. 10) que, desde o princípio, Deus tomou a iniciativa de comunicar-se com as pessoas, o “Verbo se fez carne” (Jo 1,14); no período em que Cristo viveu aqui na terra, revelou-se um “verdadeiro comunicador”, ensinando-nos a sermos seres em comunicação da verdade e do bem.

Os meios de comunicação – continua o documento (p. 31-33) – têm grande importância na vida das pessoas, como instrumento que possibilita ensino, divulgação de pesquisas, divulgação cultural e artística, dando assim uma contribuição satisfatória em diversos aspectos para milhares de pessoas.

Esse documento lembra (p. 45-46) da formação humana necessária para quem trabalha com os meios de comunicação, da necessidade de conhecer mais e amar mais o ser humano, para perceber, por trás dos instrumentos sem vida, a pessoa que está lá. Principalmente aqueles que estão continuamente postando artigos, vídeos, fotos e tantas espécies de matérias na internet, têm uma necessidade cada vez maior de amar mais a pessoa humana, para que suas ações visem ao bem de quem vai receber as mensagens audiovisuais.

Jesus tem um novo jeito de bater e novas portas para bater; ele não fica preso somente às formas do passado, que são várias ainda hoje, mas é criativo e dinâmico como o Espírito

de comunicação da
Província. **Ende-
reço da autora:**
Rua Raiz da Serra,
23, Usina – Tijuca,
CEP – 20531-140,
Rio de Janeiro-RJ.
E-mail: irma-
celluz@yahoo.
com.br.

Santo; por isso, os links são as novas portas, e nós somos seus instrumentos para que haja links facilitadores da celebração da ceia, da partilha e do amor na família.

Porém, para que essa evangelização seja um autêntico anúncio, se torna necessária uma ligação com Ele; aí sim a pessoa dará testemunho do que viu e ouviu a partir de uma experiência com Jesus, recebendo da raiz a seiva e o viço, sendo um sinal de vida; respeitando e apoiando, então, todas as iniciativas que estão a favor da vida e dignidade humana por ter aprendido do Mestre.

Os jovens, que tão bem utilizam e sabem explorar toda a potencialidade dos meios de comunicação, podem chegar com muita facilidade a outros jovens, sendo verdadeiros missionários digitais; por isso, Bento XVI (2009) incentiva-os a serem missionários no mundo digital, pedindo que seja anunciada a “Boa-Nova do amor infinito de Deus e por todos ressoe”. Num mundo onde a vida humana é tão massacrada e sofrida, essa notícia do amor de Deus precisa ser conhecida; mais que isso, precisa ser experienciada. Os jovens que já fizeram essa experiência são testemunhas para aqueles que não a fizeram e vivem à procura de um sentido para a vida.

Bento XVI tem incentivado os padres e religiosos a criarem blogs (2010), não para serem chamativos por seus talentos comunicativos, por aquilo que sabem fazer através das Novas Tecnologias (NT), mas por seus corações religiosos.

Redução do vocabulário

Toda essa onda tecnológica abriu o acesso a um grande leque de textos, reflexões e a uma infinidade de literatura, mas infelizmente não contribuiu para um aumento do vocabulário particular. Conforme Babin e Kouloumdjiam (1983, p. 63), muitos professores têm percebido que certas palavras, mesmo as mais comuns, não são compreendidas por alguns de seus alunos. Há uma dificuldade de abordagem dos textos e perdeu-se a curiosidade de abrir o dicionário para procurar as palavras que não foram entendidas. A

maioria dos alunos substitui as palavras que não entendem por outras mais fáceis, perdendo assim a possibilidade de aumentar o seu próprio vocabulário.

Antes, havia duas linguagens: a oral, familiar, e a escrita, elaborada. Atualmente, os alunos só usam a linguagem oral. Palavras sonoras são repetidas a todo momento: “É uma piração”. “Sem sucesso, corrigimos a pobreza, as impropriedades, os barbarismos [...] Os alunos, habituados ao choque da imagem e à pobreza dos comentários, fazem frases curtas, reduzidas, estereotipadas, do tipo *slogan* (BABIN E KOULOUMDJIAM, 1983, p. 63).

Percebe-se claramente essa linguagem ao ouvirmos o diálogo entre os jovens, de forma que se acentua uma grande dificuldade na linguagem escrita, quando precisam escrever textos, redações e qualquer outro escrito. O fato é que, como descrevem os autores (p. 64), escreve-se como se pronuncia; se a pronúncia é deficiente, assim será a escrita.

Parece típico da linguagem contemporânea a utilização de frases inacabadas, de acordo com os autores (p. 66); isso é observado mesmo entre os professores.

A pobreza da linguagem, carregada de erros de português e com palavras incompletas, muitas vezes exige mais de quem não está acostumado com ela para compreender o que está escrito.

E ae pro, tudu blz? Tudu trankwilo? Tah tudu certu c/ c?

pro... to super:-), ganhei 1 noute q tem gravador d CD e DVD, q eh xou pq jah vem c/ wireless [...] So falta agora 1 pendrive, kero vê c compro!!!

qnt ao nosso projeto d aprendizagem, axei mts informações no Google. entrei na nossa comu no AVA e fz 1 virtualteca dos links + xou. sabi pro, nosso grupo tah trabalhando fmz fizemos fóruns pra trocar idéia e chatiamos com o cara que criou o OLPC foi blz, agora as 10 a tchurma vai entrar no MSN pgrama

o q, vai ter no site. tah qse pronto, depois vo linkar ele na nossa comu “Toligado”, no Orkut, pro pessoal falah o q axa.

[...] Pro, KD vc? Naum axei c no skype!!! To kerendu btr 1 papo, kero troca umas idéias c/ vc, se tiveh webcam e microfone dae fica BM + lgl.

Blz!? T+ ... (SCHLEMMER, 2006, p. 1).

Para a geração digital, essa linguagem é rotineira. O internetês, a forma como se comunicam na internet, é assim, e a geração digital comunica-se mutuamente, sem problemas; porém, para a geração analógica, a linguagem é totalmente estranha, um amontoado de palavras sem nexos e sem sentido.

Schlemmer (p. 2) escreve que presenciamos o surgimento de um novo sujeito da aprendizagem, o “nativo digital”, que, nascido dentro desse contexto de mundo com forte influência tecnológica, não haveria de ser diferente. Ele tem outra forma de ser. As tecnologias digitais – TDs têm provocado uma alteração no jeito de ser, pensar, de agir, no todo do ser humano; não há apenas uma evolução técnica, mas sim uma mudança que afetou toda a geração e tem formado um novo ser.

Porém, tal forma de escrever tem causado muita preocupação quanto à pobreza do vocabulário; a rotina que se constrói em se comunicar dessa forma acaba por se tornar um hábito, que leva o aluno a cometer muitos erros ao escrever um texto, já que fora do computador só se escreve o estritamente necessário pedido pelo professor.

Os jovens admitidos em nossas casas de formação trazem consigo os traços dessa nova cultura e começam a conviver com o digital e o analógico, porém a formação é analógica e o jovem é introduzido em um sistema de formação que o ajuda a escrever mais, reforçando o que aprendeu na escola, sendo oferecidas oportunidades de ter um vocabulário mais rico.

Outro fator influencia positivamente nesse processo: o incentivo a boas e frequentes leituras, o que será abordado no próximo item.

Déficit de leitura

Esta é uma das crises do mundo moderno, a crise da leitura.

A questão é: o nativo digital tem acesso a tantos meios de entretenimento, que propicia uma redução do gosto pela leitura. Ler deixou de ser um hobby ou passatempo para muitas pessoas.

Nota-se que os jovens têm muita dificuldade de concentração, quando precisam ouvir discursos e fazer leituras, observa Babin e Kouloumdjiam (1983, p. 26), pelo fato de não terem movimentos, sons, imagens. Eles conseguem concentrar-se, sim, naquilo de que gostam, o programa de TV favorito, sites, jogos do seu interesse.

Segundo esses autores (p. 66-67), ler é um dever de escola; portanto, uma obrigação que não dá prazer, mais ainda quando se tem dificuldade de compreender o texto. “Quando não compreendem uma palavra, passam por cima com uma facilidade desconcertante.” Porém, não dá para generalizar; alguns apreciam a leitura e fazem boas e muitas leituras com prazer, mesmo que esse número esteja diminuindo.

Os livros não são mais de interesse dos jovens e crianças, informam Veen e Vrakking (2009, p. 28). Eles gastam suas horas diárias jogando em um computador, conversando em salas de bate-papo ou nos sites de relacionamentos; adquirem assim um novo comportamento, um novo jeito de pensar e raciocinar.

As leituras realizadas no computador têm a ajuda das animações, sons, símbolos, não tendo a necessidade de se ler cada palavra para compreender a mensagem do texto.

Dizem os autores ainda (p. 65-68) que os alunos desenvolveram uma habilidade estratégica para lidar com a quantidade de informações que precisam ler. Através da leitura não linear, leem somente aqueles parágrafos que interessam, não mais o livro inteiro do início ao fim; têm uma habilidade grande de criar palavras-chave para chegarem aonde querem.

O ritmo acelerado de vida das pessoas tem provocado o surgimento de inventos para facilitar e economizar tempo, prometendo realizar tarefas de formas mais rápidas, porém nada do que é inventado consegue diminuir os passos humanos sempre mais rápidos. Sendo assim, encontra-se cada vez menos tempo para dedicar-se a boas horas de leitura.

É percebido, apesar dessa realidade, que pessoas amantes da leitura usam a criatividade e todo o espaço de tempo que encontram para ler, no metrô, no ônibus, nas filas de espera.

Hoje, temos acesso ao livro digital; quem sabe, com esse novo formato, o livro poderá alcançar mais espaço.

Na Vida Religiosa e relações fraternas

A Vida Religiosa insere-se nesse contexto de mudanças, formado por pessoas que acompanharam todo o processo que foi acontecendo, desde o início da explosão tecnológica, e por quem já nasceu em meio a essa realidade e não imagina como era o mundo antes.

O fato é que essa nova era veio para ficar, tem a pretensão de evoluir sempre mais, tem pressa para isso, pois os consumidores exigem mudanças; já não se convive com o mesmo aparelho por muito tempo, e essa exigência humana é atendida prontamente pelo mercado que não perde tempo, por saber que atender às necessidades de seus consumidores é a sua forma de alimentar-se e manter-se sempre em processo de engorda. Quem se esvazia são as pessoas que estão convencidas ilusoriamente de que é preciso se manter atualizado e consumindo para ser feliz.

E a vida religiosa é bombardeada de todos os lados por essa realidade externa que também é interna.

A humanidade tem passado por significativas, rápidas e transformadoras mudanças, que vêm de certa forma determinando as características, o novo jeito de ser do ser humano de hoje e da vida religiosa.

O impacto das novas tecnologias na vida dos religiosos vem causando sérias discussões e preocupações quanto à qualidade de vida dos religiosos, que se deixaram seduzir

e dominar pela técnica. Castilho Pereira (2003) afirma que uma das maiores tendências do ser humano é trocar a relação pessoal, humana, face a face, por aparelhos eletrônicos e relacionamentos por meio deles.

O autor continua relatando que a tecnologia é um bem, trouxe muitas contribuições, mas é importante não se deixar dominar por ela.

De acordo com Puntel, Bestteti, Pratlillo (2005, p. 20-21), como pessoas consagradas, os religiosos são convocados a partilhar a sua existência em uma comunidade religiosa, com as outras pessoas que também deram o seu sim e o vivem na comunidade; a capacidade de viver o amor uns aos outros é um verdadeiro testemunho, no mundo, do Deus Trinitário e amante. Esse amor só pode crescer e aparecer no mundo como sinal de Deus através de uma vida relacional, da vivência de um amor desinteressado, vivência essa que interpela as pessoas.

A comunidade é o primeiro lugar da missão, lugar no qual o sinal da comunhão é o sinal mais alto que a Igreja pode oferecer ao mundo pós-moderno, também através da vida consagrada. Se o elemento central para a vida religiosa é o seguimento de Cristo, o coração desse seguimento é a relacionalidade, a vida comunitária (PUNTEL, BESTTETI, PRATILLO, 2005, p. 21).

É destacada pelos autores a importância do testemunho de uma vida relacional. De fato, neste mundo marcado por tão fortes tendências individualistas, onde as relações são cada vez mais frias, distantes, pela internet, mesmo por pessoas da própria casa, as relações vividas no amor recíproco por pessoas que não têm ligações familiares, de cultura e costumes diferentes, mas tendo em comum o seguimento de Jesus Cristo como consagrados, se tornam um grande sinal no mundo.

Conforme Ribeiro Teixeira (2009, p. 574), estão se tornando comuns os relacionamentos via e-mail por pessoas que moram na mesma casa; marcam encontros, partilham

a vida, conversam, dispensam o olhar nos olhos, o perceber a linguagem do corpo que fala mais do que as palavras, o toque. A comunicação torna-se menos rica e mais distante, a vida comunitária empobrece com esses tipos de relacionamentos.

A nova tecnologia tem influências positivas, mas também negativas, de acordo com a forma como ela é usada. Diz Silva Mourão (2003): “Encontramos nas nossas comunidades pessoas que vivem de forma individualista, ocupadas em seus computadores, e nunca têm tempo para dedicar-se à comunidade”. E de acordo com Castilho Pereira (2003), corremos o grande risco de substituir nossas relações pessoais, humanas, por relações eletrônicas.

É um desafio grande para os religiosos manter o equilíbrio, utilizando as novas tecnologias, muito úteis na missão, porém não deixando em segundo plano a convivência comunitária, as relações de amizade reais, as partilhas, a oração, conscientes de que a vida religiosa não nasceu para o individualismo.

Os jovens que vêm desse meio com fortes características individualistas, acostumados a relacionar-se via internet, são convidados, ao ingressarem em uma comunidade religiosa, a reaprender a conviver e partilhar a vida, olhando olho no olho, estando todos os dias lado a lado com pessoas com quem vão se criando laços, e, ao mesmo tempo, aprendem a gerenciar os conflitos advindos da convivência em grupo.

Ribeiro Teixeira (2009, p. 575) diz que acontece um choque cultural com o jovem, quando entra na Vida Religiosa, pelo fato de precisar mudar sua forma de relacionar-se, de ter paciência e não ter pressa para as coisas de Deus; de entender que nada acontece em apenas um clique. Dá-se início a uma nova forma de viver, acontece uma mudança de paradigmas, sendo, claro, aproveitadas as capacidades tecnológicas que os jovens trazem consigo, o que enriquece a comunidade.

Influência das novas tecnologias: relações virtuais nas relações comunitárias

Estamos vivendo um período de mudanças muito favorável, em que encontramos inúmeras oportunidades que favorecem mais do que em outros tempos o encontro, a partilha fraterna e sororal, a comunicação entre os membros de uma comunidade, facilitando assim a proximidade física e afetiva.

Porém, a forma como nos deixamos conduzir pelos meios que devem nos aproximar uns dos outros é de especial importância; será um fator decisivo, pois determinará uma aproximação fecunda, ou um distanciamento estéril e individualista.

Afirma Silva Mourão (2003): “Quando chove lá fora, respinga dentro”; o lá fora é a sociedade e o aqui dentro, uma parcela da sociedade que é a comunidade religiosa. Por isso, o reflexo da sociedade se encontra dentro das nossas comunidades, por sermos frutos da grande sociedade e trazermos em nós todo esse contexto, que interfere na convivência uns com os outros. Podemos assim encontrar dentro das nossas comunidades pessoas individualistas, dando essencial importância ao computador, mais do que à convivência comunitária, a ponto de isolar-se no mundo da virtualidade.

Segue a autora dizendo que são de suma importância os avanços tecnológicos, e que devem ser valorizados, porém o problema está na suprema importância dada aos aparelhos tecnológicos, ocasionando, assim, um distanciamento das relações com as pessoas.

A autora ressalta ainda a importância de ajudar os jovens a desenvolverem verdadeira comunicação na comunidade, percebendo a sua relevância para a vivência comunitária. A partilha e o diálogo favorecem a criação de laços com aqueles com quem se convive. Sem essa aproximação, as comunidades podem tornar-se um tipo de pensionato funcional, onde se entra e se sai sem compromisso, cada um realizando suas próprias coisas, independente um do outro, perdendo assim o caráter evangélico de uma comunidade religiosa.

Uma das funções da formação religiosa é ajudar o jovem a entender o que é a vida religiosa e fazer a experiência da mesma, assimilando valores cristãos, religiosos e os próprios de cada instituto. Sendo assim, é importante ressaltar o valor da vida comunitária como algo comum a toda vida religiosa.

Ser pessoas consagradas significa também ser pessoas convocadas a partilhar a existência cotidiana em uma convergência dos “sim” a Deus em uma mesma comunidade de vida. Mais do que nunca hoje é urgente redescobrir a beleza da relacionalidade como autêntico seguimento de Jesus casto, pobre e obediente, na fraternidade. A convergência do sim na obediência, a partilha dos bens da vida na pobreza, o crescimento comunitário na capacidade de amar através de uma castidade libertadora fazem da vida consagrada um forte testemunho do amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Somente em um tecido relacional a vida consagrada tornará visível o rosto amante de Deus. Esse amor universal e desinteressado, livre e libertador, tão necessário para a missão, é cultivado e cresce através da vida relacional (PUNTEL, BESTTETI, PRATILLO, 2005, p. 20-21).

Convivemos em uma comunidade não por termos nos escolhido uns aos outros, mas porque temos em comum o sim dado a Deus e, por esse motivo, compartilhamos um ideal de vida, vivendo a exemplo da Trindade a comunhão, o amor gratuito e a partilha.

Os riscos que as novas tecnologias trazem para a vida comunitária estão aí; há uma grande necessidade de manter-se vigilante, cultivando uma relação de proximidade com o Mestre da vida para que não se perca pelo caminho o valor da vida comunitária e a sua importância na vida e missão dos consagrados.

Importância das novas tecnologias para uma missão mais qualificada

Em cada época, a missão tem as exigências próprias do seu tempo; à medida que o tempo vai passando, as exigências

vão mudando. No mundo de mudanças em que nos encontramos, torna-se necessário estar em constante aprendizagem, para que a mensagem central que anunciamos seja ouvida, lida e compreendida pelo máximo possível de pessoas.

Torna-se cada vez mais habitual preparar um material para a missão no computador e pesquisar conteúdos; nossas casas e obras estão cada vez mais informatizadas. Ao organizar um encontro, reunião, contamos com a colaboração da internet para a divulgação e para busca do que necessitamos, nos auxiliando de forma muito positiva o uso de sons e imagens nas aulas, palestras, encontros, reuniões, retiros.

Por muito tempo essa parte criativa e dinâmica foi deixada um pouco de lado, mas graças à cultura da comunicação alcançou os cumes da cotidianidade, do trabalho e de toda linguagem simbólica. Beleza, harmonia, sensações positivas, símbolos e criatividade nascem da imaginação, que, por sua vez, põe em profunda comunicação aquilo que pensamos com aquilo que sentimos (PUNTEL, BESTTETI, PRATILLO, 2005, p. 97).

A comunicação conta com o auxílio muito importante de imagens, vídeos, música, montagens, que dão uma importante contribuição à mensagem transmitida, pois têm linguagem própria e registram, pela imagem, os fatos.

As novas tecnologias estão aí, são utilizadas para diversificados fins. Os religiosos, porém, devem fazer o diferencial na sua forma de utilização: que seja para uma missão mais qualificada e sempre a favor da vida.

“Ai de mim se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16) (novos campos de missão)

Paulo abraça a missão de anunciar o Evangelho, tornando-se assim um pregador incansável, convicto, de quem recebeu de Cristo essa missão.

Conforme Puntel, Bestteti, Pratlillo (2005, p. 23), os religiosos precisam reacender o ardor missionário das origens, o gosto e o amor ao anúncio da Palavra, e dentro daquilo que

é próprio de cada carisma congregacional, ser esse anúncio apaixonado de quem se encontrou com Jesus e repete como Paulo: “Ai de mim se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16). Essa é uma exigência no contexto de mudanças em que vivemos, aproveitando todos os meios que temos em mãos para que esse anúncio seja concretizado.

Os autores refletem que somente um amor apaixonado é capaz de impulsionar os religiosos ao anúncio daquilo que experienciaram, viram e ouviram, no meio onde estão, independentemente do povo e cultura, partilhando a necessidade que todo ser humano tem no íntimo de si mesmo de um encontro pessoal com o Senhor da vida e percorrer esse caminho de vida que Ele oferece (p. 22).

Jesus utilizou os meios que tinha disponíveis na época para anunciar a Boa-Nova: ia a pé, de barco, em cima da barca, na colina, na montanha, nas casas, no poço, no templo, durante toda sua vida, com a sua morte e ressurreição; não perdia nenhuma oportunidade de anunciar; enviou seus seguidores, e eles foram obedientes ao mandato do Mestre: “Por onde andardes, anunciai que o Reino dos céus está próximo” (Mt 10,7).

Além dos meios que havia naquela época, usaram também da criatividade. “Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também um altar, com esta inscrição: Há um Deus desconhecido. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio!” (At 17,22b-23). Paulo usou a criatividade para fazer-se ouvir por aquele povo de Atenas; hoje temos muitas formas de usar a criatividade, temos vastos meios que colaboram para isso e facilidade de acesso para que a nossa voz se faça ouvir pelos atenienses de hoje.

Como na época de Paulo, são necessárias, nos dias de hoje, pessoas que se disponham a ir aos novos areópagos, ser criativos anunciando o “Deus desconhecido” (At 17,23), e, certamente, como naquele lugar se reuniam “todos os atenienses e forasteiros que ali se fixaram, não se ocupavam de outra coisa senão de dizer ou de ouvir as últimas novidades”

(At 17,21). Hoje temos o areópago onde se encontram diariamente milhões de pessoas em busca de novidades. Como é narrado em At 17,32-34, uns não aceitaram, porém, outros sim.

Lançar-se nas redes da internet é um arriscar-se. Sabemos que na rede encontram-se pessoas com diversos tipos de interesses; muitas estão ali passando o tempo, porém, independentemente do que buscam, o importante é o que elas podem encontrar; com certeza, o Espírito Santo se encarrega de conduzir e agir.

Hoje seremos fiéis ao pedido de Jesus de anunciar com os meios que temos; em outros tempos certamente teremos outros. As mudanças são constantes e rápidas, o importante é que, seja como for, Jesus se torne sempre mais conhecido, experienciado e amado.

Quando os meios se tornam um fim

As novas tecnologias têm passado por muitas mutações, tornando-se cada vez mais atraentes e acessíveis, criando um número sempre maior de adeptos.

Muito rapidamente, podemos contatar com pessoas de qualquer lugar do mundo, ver fotos, imagens de vídeos, saber informações em tempo real; as empresas são mais ágeis, econômicas e exatas na confecção dos seus produtos; até a plantação e a colheita são mais eficientes. Claro, entra outra questão aqui: é a diminuição da mão de obra humana e o conseqüente aumento do desemprego.

O fato é que os laços das tecnologias estão envolvendo cada vez mais o ser humano, que, por sua vez, se torna cada vez mais dependente delas.

O uso que se faz da técnica é boa em si, quando dosada e sem excesso, desde que esse uso não vicie ou torne a pessoa dependente, a ponto de não conseguir desenvolver uma relação que não seja virtual, com pessoas reais. Aqui entra um risco que as NTI trouxeram consigo: o isolamento social, pois a internet consegue envolver as pessoas de tal forma que se tornam viciadas e já não conseguem viver sem ela e

desenvolver outras atividades ou relações fora da rede; passam dias e noites entre jogos ou sites de relacionamentos.

Segundo Betto (2005, p. 22-23), muitas pessoas têm-se tornado reféns da tecnologia, vivem aprisionadas nela, pouco se comunicam verbalmente com os próprios membros da família, estão constantemente conectados à web, acabam tornando-se um grupo de estranhos que vivem sob um mesmo teto.

Vivem o mundo da fantasia daqueles que são fotografados e exibidos constantemente na net, sem fala, “belos e silenciosos”, porque não sabem desenvolver um diálogo inteligente, refletir sobre temas; por isso, se escondem por trás da imagem.

“Não é fácil o verbo se fazer carne. Graças à multimídia, o verbo se faz caro e raro”, continua refletindo o autor. O medo de revelar aquilo que realmente são faz com que as pessoas se escondam por trás da tela de um computador. No cotidiano, dentro de casa, o verdadeiro eu é revelado por aquilo que a pessoa é, mesmo na pouca convivência com os membros da família.

Conforme Cebrián (1999, p. 61-62), entre as 20h e 23h, uma terça parte da população assiste à televisão, independentemente da programação oferecida, mas esse tempo pode ser dividido com outras tarefas que podem ser realizadas simultaneamente, o que não acontece com a internet; os internautas precisam de tempo para se dedicar exclusivamente à net, pois ela prende a atenção: a busca de dados e o diálogo interativo exigem total atenção. Isso explica o fato de a maioria dos usuários serem jovens, donas de casa e desempregados.

A tela do televisor desempenha, na paisagem, um papel totêmico, e constitui o verdadeiro altar-mor do templo da família, diante do qual tantas vezes imolam-se os seus membros, vítimas da incomunicabilidade ou do desencontro. No restante dos cômodos, nos dormitórios, no escritório ou na cozinha, outras telas, em geral de dimensões mais reduzidas, ajudarão a dotar

cada uma dessas peças com o caráter de capelas menores da nova religião audiovisual e cibernética (CEBRIÁN, 1999, p. 62-63).

Quando uma família é constituída, as pessoas inicialmente estão em busca de criar relações, de ter com quem conviver, partilhar a vida, projetos, sonhos, alegrias e tristezas. Uma vez sob um mesmo teto, começam a aparecer as interferências que roubam o lugar um do outro e acabam se tornando objeto central, desfavorecendo assim o diálogo e a comunicação.

Com a maior acessibilidade ao computador e à internet e com o aumento do número de pessoas que os adquirem, percebemos que o problema aumenta.

De acordo com Veen e Vrakking (2009, p. 38), as crianças e jovens passam muitas horas jogando no computador, e os pais não os limitam, pelo fato de acharem isso mais seguro, porque os filhos estão dentro de casa, longe dos perigos da rua. As crianças não têm mais o hábito e gosto de brincar ao ar livre.

Segundo esses autores (p. 40), quando são realizadas as festas LAN, escolhem o local onde acontecem jogos com um grupo; cada um traz o seu laptop, que são organizados em rede local, e iniciam os jogos que duram de 36 a 48 horas; quando cansados, descansam uma hora ou duas, recomeçando em seguida e comem ali mesmo.

Segundo Pollo (2007, p. 10-11), desde que a internet se tornou popular, tem crescido sempre mais o número de viciados nela. As pessoas não conseguem mais ficar sem computador nem mesmo um dia. Para muitos adolescentes que nasceram com computador em casa ou no quarto, a sua forma de comunicar-se é via net, nem mesmo o telefone é necessário se há o MSN, em que podem conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, com pessoas distantes ou com os próprios colegas da escola, com quem acabaram de se encontrar e falar. Trocam arquivos, fotos, ligam a webcam, falam pelo microfone, enviam mensagens no Orkut, escrevem no seu blog, batem papo no formspring, e assim vão utilizando tudo aquilo que a técnica oferece em sites diferentes, jogos,

passando horas e até o dia ou a noite inteira; alimentam-se em frente ao PC para não perder tempo. A variedade de possibilidades oferecidas pelo computador prende de tal forma o usuário que não tem disciplina, tornando-o viciado rapidamente sem que perceba. Infelizmente a maioria usa a internet como entretenimento, pouquíssimos para aumentar seus conhecimentos.

São novas formas de diversões, porém preocupantes, porque tornam os usuários viciados, diminuem a qualidade de vida, tudo girando em torno do computador; o MSN está sempre ligado, com várias janelas abertas ao mesmo tempo; assim, gastam-se horas e horas em frente da telinha do PC, entre um e outro site de interesse pessoal.

Diz Ribeiro Teixeira (2009, p. 570) que no passado havia os deuses de metal fundido. Hoje os novos ídolos são eletrônicos. Apesar de todo o auxílio que as novas tecnologias dão para a vida religiosa, também têm o poder de roubar o tempo que poderia ser dedicado mais a Deus; assim, muitos religiosos passam horas do seu dia de site em site, diminuindo também a qualidade da sua interioridade e doação.

Em suma, temos, enquanto religiosos, uma importante contribuição a dar no espaço cibernético; quanto mais qualificados formos, melhor será a nossa contribuição à humanidade, uma vez que, segundo Britto (2009, p. 134), a internet é cada vez mais uma forma de acesso ao grande acervo do conhecimento, e o Google se incumbiu de digitalizar o acervo das cinco maiores bibliotecas do mundo.

Estar na internet por estar não é algo que deveria ser objeto de desejo dos religiosos, mas sim para marcar uma presença significativa, partilhando o fruto de sua sabedoria e mística, bebendo de fontes que acrescentem em suas vidas e os qualifiquem como pessoas.

É importante também a presença dos religiosos junto àqueles que não têm a mesma oportunidade de inclusão digital, oportunizando esse acesso por meio de projetos, fazendo chegar a todos quanto for possível a oportunidade de acesso a esse acervo que pertence à humanidade toda, não apenas a alguns. Sendo assim, a nossa contribuição será também para todos sem distinção.

Concluindo

Como conclusão deste trabalho, podemos afirmar que as novas tecnologias têm feito cada vez mais parte da vida das pessoas, provocando uma mudança de hábitos e de paradigmas, e o ser humano se torna sempre mais dependente delas; estando elas presentes em muitos momentos do dia, para alguns é inconcebível realizar alguma atividade sem o auxílio de algum aparelho tecnológico.

Por outro lado, tanta facilidade em desempenhar com mais agilidade e em menos tempo as suas atividades deveria favorecer mais tempo disponibilizado para se estar na comunidade. Maior facilidade em contatar pessoas deveria favorecer maior estreitamento dos laços, cultivo de amizades, mútua ajuda no crescimento vocacional, partilha de bons conteúdos e reflexões.

Partindo desses pressupostos, percebemos que é preciso ter cuidado com o exagero no uso principalmente do computador, para não se tornar dependente, ou ir ao outro extremo: rejeitar qualquer ajuda desses meios e tudo que se possa fazer de bom por meio deles. Os extremismos não fazem bem em nenhuma situação.

Deus fala em nossos tempos por muitas mediações, também por meio das novas tecnologias. Por isso a Igreja, por intermédio de vários documentos e cartas, pede que os cristãos aproveitem desses meios para evangelizar.

Há de se afirmar que tais meios deveriam ser um direito de todas as pessoas, porém é sabido que uma boa parcela da humanidade não tem acesso a esses recursos, pois a eles falta até mesmo o básico para sobreviver; mesmo com todas as facilidades oferecidas pelo comércio, essa inclusão não se torna possível.

É preciso reconhecer que as novas tecnologias trouxeram consigo muitos fatores que têm causado uma mudança de vida e comportamento, um novo jeito de pensar, e os mais prejudicados são as crianças e jovens, mas isso não quer dizer que os adultos não sofram essas influências.

Deixamos como sugestão para outras pesquisas o aprofundamento desse novo sujeito que surge das mudanças tecnológicas; a relação entre novas tecnologias e meio ambiente e como é aproveitado o potencial das novas gerações de religiosos para a sua utilização em benefício da comunidade, congregação e missão.

Por fim, consideramos que é necessário tirar proveito do que é bom. Ajudar a se estar mais próximo das pessoas e ser sinal de Jesus no mundo real ou virtual, a fim de que cresçam sempre mais na liberdade interior para não se deixar prender nas redes, por meio da dependência. Ser testemunha em um mundo onde as pessoas se deixam dominar facilmente, sem questionar, sempre desejosas de consumir, adquirindo novos aparelhos e acompanhando os últimos lançamentos. Tanto avanço tecnológico, porém, tem um preço muito alto: acelera a destruição da natureza. Os religiosos precisam mostrar a diferença e ter uma opção diferente, sendo testemunhas e profetas.

Bibliografia

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAM, Marie-France. *Os novos modos de compreender a geração do áudio visual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BENTO XVI. *Papa convida jovens a serem missionários no mundo digital*. Vaticano, 2009. Disponível em: <<http://blog.bibliacatolica.com.br/igreja/papa-convida-jovens-a-serem-missionarios-do-mundo-digital/>>. Acesso em: 09 ago. 2010.
- _____. *Bento XVI sugere aos padres e religiosos que criem blogs*. Vaticano, 2010. Disponível em: <<http://caomunicacaocaticana-web.blogspot.com/2010/06/papa-bento-XVI-sugere-aos-padres-e.html>>. Acesso em: 08 ago. 2010.
- BETTO, Frei. Pós-modernidade e comunicação. *Rainha dos Apóstolos*, Porto Alegre, n. 966, p. 22-23, maio 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria, 1997.
- BRITTO, Rovilson Robbi. *Cibercultura; sob o olhar dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

- CASTILHO PEREIRA, Willian César. *Diálogo comunitário II*; fichas de reflexão comunitária sob o ponto de vista psicológico. Ficha 7. Brasília, 2003.
- CEBRIÁN, Jean Luis. *A rede*; como nossas vidas serão transformadas pelos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.
- COMISSÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Instrução Pastoral “Communio et Progressio” sobre os meios de comunicação social. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1971.
- INSTRUÇÃO PASTORAL DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Aetatis Novae*; uma revolução nas comunicações sociais. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.
- POLLO, Flávia. Meu melhor amigo, a internet. *Rainha dos Apóstolos*, Porto Alegre, n. 992, p. 10-11, set. 2007.
- PUNTEL, Joana T.; BESTTETI, A.; PRATILLO, F. *Os Conselhos evangélicos na ótica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RIBEIRO TEIXEIRA, Martha Lucia. A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia. *Convergência*, Brasília, n. 424, p. 567-576, 2009.
- SCHLEMMER, Eliane. *O trabalho do professor e as novas tecnologias*. São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/textual/set06/artigo_tecnologia.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2010.
- SILVA MOURÃO, Maria. *Diálogo comunitário II*; fichas de reflexão comunitária sob o ponto de vista psicológico. Ficha 6. Brasília, 2003.
- VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. *Homo Zappiens*; educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Até que ponto as novas tecnologias interferem nas relações comunitárias? Como dar uma resposta a esses desafios?
2. Levando em consideração todas as possibilidades que as novas tecnologias nos oferecem, como podemos utilizá-las para a evangelização, estudo, pesquisa, entretenimento, comunicação, sem, contudo, nos tornarmos vítimas delas?
3. Que novas oportunidades as tecnologias proporcionam à Vida Religiosa hoje? Que paradigmas precisam ainda ser quebrados para uma melhor utilização dos seus benefícios em favor da nossa missão?

A renovação da Vida Religiosa no Concílio Vaticano II

509

CLETO CALIMAN

Aos 50 anos do início do Concílio Vaticano II é salutar revisitar o Decreto *Perfectae Caritatis*.¹ Ele trata da renovação da Vida Religiosa (= VR). Não pretendemos, neste breve artigo, levantar todos os pontos do Documento conciliar, mas apenas alguns que nos parecem importantes hoje. Trazem para nós o frescor do Evangelho e podem nos ajudar a rever a nossa caminhada, abrindo novas perspectivas para o futuro. Temos, assim, a oportunidade de fazer, nesse quinquentenário, um bom “exame de consciência” para verificar se fizemos bem o “dever de casa”; se a renovação imple-

diferente do tradicional. Dessa forma, os movimentos de renovação dentro a Igreja, como resposta a esse processo, como que pipocaram, sobretudo nos inícios do século XX, em diferentes áreas, como nos estudos bíblicos, na liturgia, na vida eclesial, na teologia, na vida comunitária, no despertar dos movimentos de juventude, no movimento do laicato, entre outros. Eles prepararam o clima para a realização do grande evento como verdadeiro sopro do Espírito Santo.

Isso mostra que a história não para. Ela vai tornando obsoletas experiências que foram vitoriosas no passado da Igreja. Na verdade, a era constantiniana, iniciada no IV século do primeiro milênio, chega ao fim no ocaso do II milênio do cristianismo. Essa foi a marca das cristandades tanto medieval quanto colonial e, por fim, da nova cristandade a partir do séc. XIX.

Em síntese, a avassaladora transformação do mundo pré-moderno para o mundo moderno, e hoje pós-moderno, nos fez passar de uma situação de posse relativamente tranquila do espaço cultural – o “mundo ocidental cristão” –, de uma situação de homogeneidade religiosa e cultural, própria do sistema de cristandade, para uma situação claramente de pluralismo cultural e religioso dos nossos tempos. A essa passagem se associa uma segunda: de um cristianismo marcadamente ocidental para um cristianismo que se alarga até os confins do planeta. Assim, esse cristianismo se torna uma religião mundial, graças ao atual processo de globalização, iniciado pela expansão política e econômica do Ocidente, desde pelo menos o séc. XV, e hoje acelerado pela revolução tecnocientífica.

Em resumo, dentro desse processo o Concílio conduz a Igreja à passagem do mundo pré-moderno, tradicional, rural, para o mundo moderno, secular e marcadamente urbano; do sujeito social pré-moderno ao sujeito social moderno. Depois de 50 anos do Concílio lidamos hoje com a realidade culturalmente nova do que se costuma chamar de “pós-modernidade”.

Ora, a VR faz essa passagem junto com a Igreja, com sua especificidade. De fato, a VR dos últimos séculos esteve

sempre ligada ao projeto de Igreja das cristandades em confronto, por um lado, com a Reforma protestante e, por outro, com o mundo moderno, que se manifestava adverso à Igreja. Nessa conjuntura histórica, a Igreja e, dentro dela, a VR criaram um imenso molde de “instituições cristãs” como escolas, hospitais e até partidos políticos. A VR, com coragem e entusiasmo missionário, lançou-se corajosamente na grande epopeia das missões nos territórios conquistados pelas potências europeias.

Internamente essas obras exigiam mais do que fidelidade à vocação carismática. Exigiam competência na gestão de obras e pessoas, bem como a explicitação de normas de vida comum, disciplinada e ascética. A dimensão jurídica se ampliou para regular a vida interna da comunidade religiosa e a eficiência nos trabalhos apostólicos.

Esse mundo tradicional, que alimentou por séculos o entusiasmo missionário de tantos religiosos e religiosas, praticamente ruiu por terra. Só existe em algumas “ilhas” e na nossa imaginação. O Concílio veio justamente explicitar essa nova situação para a Igreja e aquelas Instituições que cresceram e crescem sob a sua sombra.

Em 1958, com a morte da figura ascética e sacral do Papa Pio XII, se encerra não apenas a era piana (dos Papas de nome Pio), mas simplesmente a era constantiniana, iniciada no século IV. O Conclave para a escolha do sucessor de Pio XII se fixa no cardeal Ângelo Roncalli, com 77 anos. O patriarca de Veneza chega à Sé de Roma, assim se dizia, como um papa de transição, na espera de uma figura “luminosa” que o sucedesse. E ele, de fato, fez a transição que os grandes movimentos de renovação na Igreja prepararam. No dia 25 de janeiro de 1959, João XXIII anuncia a intenção de convocar um Concílio Ecumênico. No dia 25 de dezembro de 1961 ele efetiva essa intenção e, com a Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, convoca o Concílio Vaticano II.

Ressaltamos o discurso inaugural da Assembleia conciliar do dia 11 de outubro de 1962. Nele o Papa conclama os Padres Conciliares a realizarem três grandes passos: primeiro, depois de séculos de confronto com o mundo moderno,

afirma que era fundamental abrir-se ao diálogo com o mundo contemporâneo; segundo, depois de cinco séculos de divisão entre cristãos católicos e protestantes, era necessário uma abertura ecumênica com os cristãos não católicos; terceiro, diante de uma sociedade de conflito entre capital e trabalho, ricos e pobres, era necessária uma abertura ao mundo dos pobres e dizia: a Igreja é de todos, mas especialmente dos pobres.

O grande objetivo não era outro senão a “renovação da vitalidade da Igreja” para que ela pudesse responder com mais coragem e zelo à sua vocação missionária no mundo contemporâneo. Dentro desse grande projeto de renovação da vitalidade da Igreja, certamente a VR tinha e tem ainda um lugar importante. Foi por isso que os Padres Conciliares se ocuparam da renovação da VR.

2. Pontos importantes na construção do texto conciliar

A Comissão Preparatória para a VR trabalhou duramente por quase dois anos e preparou um pesado texto com cerca de 200 artigos, que retomavam praticamente o magistério dos Papas e da Congregação para os Religiosos dos dois últimos séculos. Neles prevalecia uma visão ascético-jurídica. Era, como se dizia, o texto dos juristas. Tão logo começou a circular, agora sob o comando da Comissão Conciliar para a VR, foi reduzido a 51 artigos, ainda dentro de uma compreensão jurídica e ascética. Esse documento logo foi objeto de contribuições e de críticas dos Padres conciliares. Aqui não entramos nos detalhes das várias etapas do debate conciliar sobre a renovação da VR. Acharmos importante, sim, nos deter naqueles pontos que definiram o avanço da reflexão no decorrer da construção do texto do Decreto: a definição do título; o que entender por renovação; a compreensão da VR como histórica; a relação da VR com a vida cristã; por fim, a relação entre a dimensão “contemplativa” e “apostólica” da VR.

1) A discussão do *título* do Decreto já nos mostra o exemplo de um bom debate. O título da primeira redação espelhava ainda a doutrina tradicional. Falava do estado de perfeição a ser conseguido, ou seja, *De Statibus Perfectionis Acquirendae*. No contexto, a expressão “estado de perfeição” faz da VR uma “classe” especial dentro da Igreja. Remonta à visão medieval em que a VR tem um *status* privilegiado. Introduce uma espécie de hierarquia na busca da santidade. E mais: pressupõe uma visão estática e não dinâmica da VR. Logo se pensou num segundo título, mais geral, sobre os Religiosos: *De Religiosis*. Mas esse título foi destinado ao capítulo VI da Constituição Dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*. Nele se apresenta já doutrina sobre a VR: a profissão dos conselhos evangélicos, a importância da VR na Igreja, a dependência da autoridade da Igreja e, por fim, a estima pela profissão dos conselhos evangélicos. O terreno próprio do Decreto deveria ser outro: a *renovação* da VR. Então se chegou ao enunciado atual: da adequada renovação da VR, *De Accomodata Renovatione Vitae Religiosae*. Mas o Decreto ficou mais conhecido pelas duas primeiras palavras do texto latino: *Perfectae Caritatis*. Na tradução do parágrafo inicial lê-se: *O Santo Concílio já mostrou na Constituição Lumen Gentium que o procurar seguir a caridade perfeita pela prática dos conselhos evangélicos tem origem na doutrina e nos exemplos do Divino Mestre, e aparece como sinal muito claro do Reino do Céu.*² Portanto, a busca da perfeição da caridade é um caminho que nos reporta a Jesus Cristo e nos situa no horizonte do Reino de Deus.

2) O *Decreto* enfrenta, logo de início, essa outra questão que tem fortes consequências práticas: como entender corretamente a proposta de *renovação* para a VR na Igreja? O Concílio quer evitar qualquer ambiguidade num ponto de importância vital. Por isso se esforça por situar a compreensão da renovação não no contexto da dimensão ascético-jurídica, também necessária, mas que não tem sentido em si mesma, mas deve se reportar a um nível mais fundamental, que é a dimensão teológico-espiritual. Essa dimensão tem a ver com a relação de toda a vida cristã com o mistério de Deus que nos chama e santifica em Cristo e na força do

2. PC 1: *Perfectae Caritatis per consilia evangélica prosecutionem Sacrossancta Synodus praevidere ostendit, in Constitutione cui initium est “Lumen Gentium”, a Divini Magistri doctrina et exemplis originem ducere et tanquam praeclarum signum Regni caelestis apparere.*

Espírito. Dessa forma, abre-se a uma compreensão da renovação não simplesmente como atualização ou mera adaptação de normas e costumes. Seria superficial. Mas pretende enraizar a renovação nos fundamentos da vida cristã, por uma verdadeira *conversão* ao Evangelho do Reino pregado por Jesus. O Concílio quis, pois, indicar que a adequada renovação só se dá pelo avivamento da chama da caridade que busca a perfeição no seguimento de Jesus Cristo.

3) O Concílio deve ainda responder à nova consciência que a VR desenvolve no mundo contemporâneo. Na verdade, a VR não é uma realidade estática, imóvel, quase que fora do mundo; mas uma realidade *histórica* e dinâmica, que acompanha as mudanças do tempo. Assim, ela pode tanto entrar em decadência, involuir, quanto evoluir para ser um sinal preclaro do Reino, alimentando sua identidade de testemunha fiel do tempo que há de vir. Aceitar que a VR é uma realidade histórica é condição também para pensar sua renovação.

4) Nos debates sobre a renovação da VR, os Padres Conciliares enfrentaram outra questão-chave: a relação da VR com a vida cristã. Na concepção clássica, a VR era compreendida como um grupo de cristãos que empreendiam a *fuga mundi*. O religioso devia fugir do mundo, estar separado dos demais, para estar mais perto de Deus. Era um caminho especial, diferente dos demais cristãos. Nessa compreensão se justificava a expressão “estado de perfeição”. Mas o Concílio tomou um caminho que dificilmente poderia combinar com essa compreensão. Pelo menos três argumentos nos ajudam a compreender a orientação do Concílio:

a) a *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no Mundo de hoje* oferece uma concepção positiva do mundo, com o qual a Igreja deve estabelecer um *diálogo*. Fala dos *sinais dos tempos*, como sendo a voz de Deus para nós hoje. Quer dizer: Deus nos fala na história humana, “por acontecimentos e palavras” (*Dei Verbum*, 2). A autocomunicação de Deus não se dá fora do mundo, mas na história, em especial em Jesus Cristo, a Palavra que se fez carne, se fez história conosco. Assim, o Concílio valoriza

o mundo com sua história. Não faz sentido fugir dele, mas sermos testemunhas do Reino para a sua transformação, de olhos voltados para o futuro. Não significa que o Concílio não tenha percebido o lado perverso da realidade do mundo, a “figura deste mundo”. Mas antepõe a isso o primado da iniciativa salvífica de Deus, de sua autocomunicação na história humana. Ao mesmo tempo em que anuncia o “trigo” bom como semente do Reino, denuncia profeticamente o “joio” do mal que se infiltra na criação boa de Deus;

- b) a *Lumen Gentium*, sobretudo no capítulo sobre o *Povo de Deus*, oferece também a sua valiosa contribuição. Parte da afirmação da igualdade e da dignidade fundamental de todos os batizados dentro da Igreja, povo de Deus. Todos são filhos e filhas de Deus em Cristo; todos são irmãos e irmãs numa só fraternidade. Não faria sentido afirmar um caminho que distancia a VR da vida cristã;
- c) a mesma *Lumen Gentium*, no capítulo V, parte da afirmação da vocação universal à santidade na Igreja. Todos os batizados devem, por vocação divina, buscar a perfeição da caridade, cada qual “segundo os próprios dons e cargos pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade” (LG 41a). Conclui-se daí que não há duas vias para a santidade, mas uma só: o Evangelho de Jesus Cristo. Não podemos compreender a VR como um caminho especial. Ela é “um modo de chegar a ser cristão”,³ orientado pelo carisma específico, recebido como graça. A resposta a essa graça constrói uma identidade histórica para as Instituições religiosas.

5) Tradicionalmente se falava de VR contemplativa e VR ativa. O Concílio evitou essa maneira de falar: VR ativa. Essa contraposição parece introduzir um dualismo. A assim chamada VR ativa sempre corria o risco de “ativismo”. Por isso, o Concílio prefere falar de VR *apostólica*. Qual é o foco do debate? A dimensão contemplativa não é privilégio de alguns. Ela faz parte da vida cristã enquanto tal. De fato, a “contemplação interior” é necessária à “perfeição do amor” a que todo batizado deve tender. A vida cristã não chega à

3. SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. Loyola, 1982. pp. 203s.

sua maturidade sem essa dimensão que nos situa diante de Deus e de seu mistério. Na linguagem paulina seria o “viver em Cristo”. Para lá converge toda a vida cristã. Em vista disso, é necessário afirmar a unidade indivisível de contemplação e apostolado. Tal unidade é vivida conforme a variedade de vocações e carismas.⁴ Para expressar essa unidade indivisível, nada melhor que uma boa fórmula: *Toda vida religiosa seja impregnada pelo espírito apostólico; toda ação apostólica seja penetrada pelo espírito religioso.*⁵

3. O texto consolidado do Decreto *Perfectae Caritatis*

No parágrafo anterior apresentamos as questões que foram vencidas à medida que os debates conciliares sobre a renovação da VR se desenvolviam. Agora se trata de propor o resultado consolidado do Decreto aprovado pelos Padres Conciliares na votação conclusiva: foram 2.321 votos a favor e apenas 4 contra. No dia 28 de outubro de 1965 foi solenemente promulgado pelo Papa Paulo VI. O conjunto final consta de 25 artigos, com uma introdução geral (n. 1) e cinco partes bem específicas: 1ª Questões gerais comuns a toda a VR (2 a 6); 2ª As várias formas de VR (7 a 11); 3ª Elementos essenciais da profissão dos conselhos evangélicos (12 a 15); 4ª Tópicos específicos como clausura, hábito religioso e formação (16 a 18); 5ª Alguns pontos urgentes como novos Institutos, obras próprias, Institutos e Mosteiros decadentes (19 a 24) e uma rápida conclusão (25).

Não cabe neste espaço comentar passo a passo todos esses pontos. Nós nos restringimos a sublinhar alguns aspectos que nos parecem ainda hoje atuais e pertinentes. Por isso, nos propomos comentar rapidamente esses aspectos que podem nos orientar no processo de contínua renovação da VR: 1) O uso da expressão “Vida Religiosa” no Concílio e sua abrangência; 2) A qualificação da renovação querida pelo Concílio; 3) Como entender hoje que os religiosos renunciam ao mundo para “viver somente para Deus”?; 4) A profissão dos conselhos evangélicos; 5) A vida comum.

4. Só assim se entende que Santa Teresinha do Menino Jesus seja declarada por Pio XI patrona universal das missões (1927) e, depois, pelo Papa João Paulo II (1997), doutora da Igreja, sem sair do mosteiro. O motivo: ela ensinou um caminho espiritual surpreendente para a vida cristã.

5. Essa formulação é contribuição do Superior-Geral da Sociedade missionária de Scheut: *Tota vita religiosa spiritu apostolico imbuatur; tota autem actio apostolica spiritu religioso informetur.*

1) Nosso primeiro ponto é sobre o uso da expressão “Vida Religiosa” e sua abrangência na PC. Antes de entrarmos na questão, anotamos que no pós-concílio prevalece a expressão *vida consagrada*.⁶ Não vamos discutir aqui sobre os motivos que levaram a essa linguagem. O fato é que o Concílio fala de “Vida Religiosa”. Assim, *Lumen Gentium* (44c) define a VR como o “estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos”. Esse “estado” não pertence à estrutura hierárquica da Igreja, mas está “firmemente relacionado com sua vida e santidade” (LG 44d). Concretamente o que abarca, segundo o Concílio, a expressão “Vida Religiosa”? Que grupos ou Institutos cabem sob essa expressão? Na prática, a expressão é como um “guarda-chuva”. Debaixo dele se colocam tanto a VR clássica como a vida monacal, as Ordens Mendicantes e outros Institutos, quanto as Sociedades de Vida Comum e Institutos Seculares. Os Institutos Seculares não se consideram formalmente religiosos. O Concílio, no entanto, os coloca dentro dessa categoria, considerando não sua forma exterior, a questão da vida comum e outras, mas o que eles são chamados a viver. Afirma que são religiosos *quoad substantiam*, ou seja, na medida em que sua vida aponta para a perfeição da caridade pela vivência dos conselhos evangélicos.

2) O segundo aspecto que nos deve ocupar na PC diz respeito à *qualificação* da renovação, ou seja: o que compreender por “adequada renovação”? Depois do Concílio houve não poucos equívocos sobre esse ponto. Muitos religiosos entenderam a renovação mais como adaptação aos novos tempos. Mas o n. 2 da PC não deixa dúvidas sobre isso. O parágrafo de abertura nos diz que a verdadeira e adequada renovação deve articular dois aspectos: a) a *volta às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos*. Essa volta à primeira inspiração carismática do Instituto vem junto com; b) *sua adaptação às novas condições dos tempos*. O retornar ao primeiro amor pode e deve vir junto com a adequação dos costumes e a superação de usos jurídicos obsoletos. O importante em tudo isso é o critério decisivo: a meta da VR deve ser definida pela busca da “caridade perfeita”. A

6. Como exemplo, veja-se a Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, de João Paulo II, 1996.

renovação que não é conduzida pela volta às fontes primeiras da VR, à inspiração evangélica do próprio carisma, se torna um falso caminho que persegue os próprios interesses e se confunde simplesmente com modernização da VR. Colocado esse pressuposto, a PC 2 apresenta cinco *princípios* que devem reger essa renovação da VR:

- a) O *primeiro* princípio apresenta a “norma última” da VR: o caminho evangélico do seguimento de Cristo. Essa indicação parece óbvia. Mas foi necessário dizer explicitamente isso para corrigir uma visão unilateral que se tinha da VR antes do Concílio. Esse princípio quer sublinhar que a VR não deve se orientar primariamente por uma compreensão ascético-moralista e jurídica, mas por uma visão teológico-espiritual. Essa visão é mais importante do que qualquer outra. Aqui ainda se deve notar que o Concílio não fala diretamente de “imitação”, mas de “seguimento” de Jesus Cristo. Sem entrar nos detalhes da discussão que se esconde debaixo dessa abordagem, devemos dizer que a imitação só se explica e se interpreta se anteriormente acontece o seguimento (PC 2a);
- b) *Segundo*, o Concílio quer afirmar que a “conveniente renovação” da VR não pode acontecer de qualquer modo, como que equiparando os Institutos religiosos num processo de homogeneização. Mas deve sim respeitar “a índole e função particular” de cada Instituto. O texto visa, com essa indicação, preservar a identidade dinâmica das várias formas de VR, sem nivelamento. Circunstancialmente, de uns anos para cá, se tem falado de “refundação”. Esse termo, aplicado à renovação da VR hoje, deve, é claro, observar as grandes orientações que vieram do próprio Concílio, dando continuidade à renovação que vem do Concílio dentro de novas condições históricas (PC 2b);
- c) *Terceiro*, a renovação da VR exige a participação na vida da Igreja. Na verdade, afirmando essa relação fundamental da VR com a vida da Igreja, o Concílio sublinha que os vários carismas geram grandes movimentos espirituais que revitalizam a Igreja. É importante que se afirme essa relação umbilical com a vida eclesial. Na história

se revelam tendências de cultivo unilateral de devoções próprias, de fechamento sobre si de Institutos, formando uma “clientela” própria, formando uma Igrejinha dentro da Igreja (PC 2c). É oportuno recordar a orientação, por exemplo, do Documento de Puebla, de que o lugar de viver a VR é a Igreja particular;⁷

- d) *Quarto* princípio é o da exigência de “informação adequada”, contra a formação de *ghettos*, num mundo separado das condições do tempo, da vida e das necessidades da Igreja. Tal indicação se faz necessária para superar justamente uma visão da VR fechada sobre si, separada da realidade do mundo. Sem diálogo, a VR não tem condições de falar ao mundo como pede a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* (PC 2d);
- e) O *quinto* princípio para a renovação coloca a condição que não pode faltar à “atualização às necessidades do tempo”. Ela tem que vir “animada por uma renovação espiritual à qual se deve dar sempre a primazia, mesmo que se trate de promover obras externas” (PC 2e).

3) Quais seriam, segundo o Decreto, *elementos comuns a todas as formas de VR* (cf. PC 5)? O texto conciliar toma como ponto de partida o que é fundamental: “a profissão dos conselhos evangélicos” como resposta a uma “vocação divina”, um chamado divino para abraçar a VR num determinado Instituto. Aqui vale, pois, a regra do discernimento vocacional. Não é o mero desejo ou a busca de uma espécie de “refúgio” contra as incertezas da vida no mundo que deve levar alguém a entrar num Instituto. A vocação deve ser objetivamente provada com uma prática de vida segundo os conselhos evangélicos. O Decreto fala ainda que, pelos votos, se realiza uma entrega a Deus e a seu serviço. Mas deve-se acrescentar que essa entrega não é o fundamento da consagração. O motivo teológico deve ser outro: a consagração é um ato de Deus em direção ao ser humano. Não é sem mais de iniciativa humana, da criatura. Deus nos consagra para o serviço dele e do mundo.

Além desse ponto, há alguns pontos que merecem ser bem esclarecidos. O primeiro deles diz respeito à “renúncia

7. Cf. Documento de Puebla, 739-741.

ao mundo”, mas em que sentido? O próprio Concílio, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, deseja estabelecer um diálogo com o mundo contemporâneo. No mundo como história acontecem os “sinais dos tempos”, que são “a voz de Deus” para nós.⁸ A PC 5 quer afirmar aquela renúncia ao mundo que todo cristão deve viver pelo Batismo. De fato, pelo Batismo fomos crucificados com Cristo, e nele ressuscitados. Inseridos no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, os batizados anunciam o mundo novo gerado pela cruz libertadora e denunciam, assim, o mundo posto no maligno que levou Jesus à cruz e nos distancia de sua força salvífica.

O segundo ponto nos diz que os que se decidam à VR devem “viver só para Deus”. Desse modo, se expressa o primado da graça da vocação divina de todo cristão. Essa expressão não pode ser entendida como separação do “servir a Deus” e o “servir ao mundo”. Ao contrário, “servir a Deus” e servir ao mundo” perfazem uma unidade na caridade perfeita que somos chamados a viver. Todo serviço a Deus implica o serviço ao próximo no mundo. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis. Por isso, “viver somente para Deus” deve ser compreendido no contexto maior: de que Deus se fala aqui? Do Deus do Reino. Jesus não pregava um Deus em si mesmo, separado do mundo da criatura. Ele falava do “Deus do Reino”, isto é, enquanto Deus é próximo, caminha com a sua criatura, se interessa por ela a ponto de entregar seu próprio Filho na cruz. É nesse Deus que nós cremos e servimos na expressão verdadeira e transparente do amor ao próximo.

Um terceiro ponto refere-se ao *unum necessarium* do Evangelho, uma só coisa é necessária (PC 5d, citando Lc 10,42), buscando o exemplo evangélico de Marta e Maria. Não é o caso de ressuscitarmos a velha querela do primado da vida contemplativa sobre a “vida ativa”. Na verdade, o texto deve ser interpretado não no sentido da tensão entre VR contemplativa e “ativa” ou apostólica, mas no sentido da afirmação da mensagem central do Novo Testamento: “com a vinda de Jesus nesse tempo, a vida e a ação humana tem um novo centro: Jesus, em quem o Pai está presente e

8. Cf. Comentário à *Gaudium et Spes* 11, de J. RATZINGER. Em: *Lexikon fuer Theologie und Kirche*, 14. Herder, 1986. p. 313: “Die Stimme der Zeit als Gottes Stimme gewertet werden”.

em quem Ele age”.⁹ Assim reza o texto do Decreto: “Os religiosos, fiéis à sua profissão, abandonando tudo por Cristo, sigam-no como único necessário”. Basta olhar para Jesus. Em sua vida humana ele se manifesta ao mesmo tempo contemplativo e apostólico, sem separar as duas dimensões, numa perfeita unidade de vida. Do mesmo modo, na VR a dimensão contemplativa se manifesta no amor apostólico. A dimensão apostólica se alimenta na sua ligação com a fonte da vida nova que é Jesus Cristo. Em síntese, “procurar antes de tudo e tão somente a Deus” (PC 5e) exige o amor apostólico efetivo. Dessa forma, os religiosos – como todos os batizados – se associam à obra redentora de Jesus Cristo em vista do Reino.

4) Sobre os clássicos pontos da VR: os *conselhos evangélicos* da castidade, pobreza e obediência, o que nos diz o decreto? São os elementos teológico-espirituais fundamentais da doutrina conciliar sobre a VR, que se encontram no Decreto *Perfectae Caritatis* (nn. 12 a 14). Como *preâmbulo*, colocamos algumas considerações gerais sobre a ordem em que são apresentados os conselhos evangélicos. A PC começa pela castidade, pois julga que esse carisma é o mais atestado pelo Novo Testamento. A castidade vem seguida pela pobreza e pela obediência.

Outro dado significativo é que esses três conselhos evangélicos dizem respeito a três áreas fundamentais da vida humana: enquanto a castidade se liga à área da *pessoa* no que diz respeito à sexualidade, afetividade, paternidade, socialidade, a pobreza trabalha a área da *posse e uso dos bens* materiais e simbólicos, e a obediência expressa a área da *livre disposição* do que deve ser feito, ou seja, no exercício da liberdade pessoal, colocando-a a serviço de Deus num Instituto. No fundo, os três votos se ligam ao exercício da própria fé no Deus do Reino, essencialmente amor, segundo o caminho de Jesus Cristo.¹⁰

O voto de *castidade* (PC 12) fala da convivência entre seres humanos à luz do projeto primeiro do Deus do Reino. Vivemos em sociedades em que as relações humanas são, no mais das vezes, instrumentalizadas pela dominação de uns

9. WULF, Friedrich. *Lexikon fuer Theologie und Kirche*. vol. 13, pp. 278.

10. Não entramos aqui nas considerações que a *Lumen Gentium*, cap. VI, 43 e 44, fez sobre os conselhos evangélicos. O Decreto *Perfectae Caritatis* retoma as orientações da Constituição dogmática sobre a Igreja e as aprofunda do ponto de vista teológico-espiritual.

sobre os outros: do rico sobre o pobre, do homem sobre a mulher, de quem sabe sobre o que não sabe. O amor devia nos fazer crescer como irmãos e irmãs entre nós e filhos e filhas de Deus. Mas nesse contexto se esvazia, perdendo sua força libertadora.

Somos chamados a viver esse carisma dentro da Igreja, que é de natureza carismática. Assim, viver esse dom pertence à aventura do fiel crente para que ele persevere como “sinal peculiar dos bens celestes, além de meio muito apto para se dedicarem os religiosos com ardor ao serviço divino e às obras do apostolado” (PC 12a). O Decreto não esconde o desafio da natureza sexuada do ser humano na busca de reciprocidade entre homem e mulher. Adverte ainda que não podemos presumir de nossas próprias forças, mas confiar na graça de Deus. Vivida na liberdade de filhos e filhas de Deus, pela fé, a castidade não nos diminui como seres humanos, mas nos leva à plena realização do humano no amor de Deus e do próximo. Por fim, o Decreto afirma que a castidade é mais bem conservada quando na comunidade “floresce verdadeira caridade fraterna na vida comum” (12b).

O segundo conselho evangélico, na ordem preferida pelo Concílio, é o da *pobreza*. Em termos gerais, ele diz respeito à posse e ao uso dos bens materiais e simbólicos. Mas na prática não é fácil responder sobre o que significa pobreza evangélica. Há dois polos que nos podem ajudar no discernimento. Um é Jesus em seu caminho histórico de profeta itinerante do Reino. Outro é a situação da VR na própria moldura histórica.

Assim, na recente tradição eclesial latino-americana temos uma preciosa indicação: “A pobreza evangélica une a atitude de abertura confiante em Deus com uma vida simples, sóbria e austera” (Documento de Puebla, 1149). Essa orientação aponta para outra dimensão da pobreza, a solidariedade para com os mais necessitados. Definir, pois, o que seja essa pobreza evangélica deve levar em conta as condições econômicas, sociais e culturais de cada tempo e de cada grupo humano e, nesse contexto, “expressar-se também por novas formas” de pobreza evangélica (PC 13a).

Para uma compreensão teológico-espiritual mais profunda devemos dizer que a pobreza religiosa não é simplesmente a renúncia aos bens materiais e simbólicos sem mais, mas um exercício da fé em Deus, que exige a relativização desses bens em vista do bem maior, do “único necessário”. Por isso o texto nos diz explicitamente que “não basta sujeitar-se aos superiores no uso dos bens”.

É preciso acrescentar algo fundamental: “é preciso que os religiosos sejam pobres real e espiritualmente” (PC 13b) e que, “cada um no seu ofício, sinta-se obrigado à lei comum do trabalho” (PC 13c). A última parte do parágrafo recomenda que os Institutos evitem “toda manifestação de luxo, de lucro imoderado e de acúmulo de bens” (PC 13f). Enfim, o que importa é a vivência real da fraternidade, da solidariedade e do serviço como resposta à vocação divina para a VR.

O terceiro conselho evangélico, na ordem indicada na PC, é o da *obediência*. Diz respeito àquela área da pessoa que trata da livre disposição do que devemos fazer. O termo “obediência” vem do latim *ob-audire*. Indica a atitude fundamental de quem se coloca diante de alguém na escuta de sua palavra. No caso da obediência religiosa, na escuta atenta da Palavra que vem de Deus. Aqui podemos distinguir uma primeira obediência e uma segunda.

A primeira nos coloca todos à disposição da vontade de Deus. Na comunidade religiosa todos e cada um de seus membros se colocam diante de Deus. Tendo como fundamento e pressuposto essa primeira obediência, podemos prestar atenção também nas relações que ela deve gerar dentro da VR.

Essa é a segunda obediência: “os religiosos, por moção do Espírito Santo, diz o texto do Decreto, sujeitam-se na fé aos superiores, vigários de Deus...” (PC 14). Neste ponto nos detemos sobre uma dificuldade ante a qual o Concílio nos colocou com essa expressão. Ela pode nos dar a entender que estaríamos ainda diante da práxis tradicional da obediência no contexto de uma visão patriarcal do papel do superior. Mas o Concílio certamente não quis fortalecer essa compreensão da obediência religiosa. Pelo contrário, quis estimular a vivência da fraternidade e a fidelidade ao projeto de vida do fundador. Não quer falar de “súbditos”. Na verdade, a

comunidade religiosa se constitui como fraternidade. Por isso, são importantes algumas considerações ao texto:

- a) a natureza da obediência religiosa, no seu fundamento bíblico, tem caráter de oferenda de si mesmo a Deus em vista do Reino. Assim, a obediência religiosa não é simplesmente adesão à vontade humana do superior, mas uma adesão e entrega pessoal à vontade salvífica de Deus, que se realiza por mediações históricas, essas, sim, humanas da comunidade e de seu superior. Liga-se à história da salvação. Assim, se supera uma compreensão estática e especulativa que vem da compreensão clássica da VR. A obediência religiosa nos orienta para o serviço da história da salvação;
- b) a expressão acima usada, *vices Dei gerentes*, que os superiores são vigários de Deus ou fazem as vezes de Deus, traz a ambiguidade da teologia tradicional da obediência. O avanço do Concílio se situa no desenho de uma teologia espiritual que articula dimensão cristológica, eclesiológica e escatológica da obediência. Ela nos orienta para o seguimento histórico de Jesus, um seguimento partilhado que constitui Igreja como fraternidade comunal e que tem como horizonte último o Reino;
- c) a obediência religiosa não deve gerar uma atitude passiva e, digamos, até de resignação diante do superior. Em vista disso, o próprio texto nos ajuda a irmos adiante: “a obediência religiosa, longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, fá-la atingir o seu pleno desenvolvimento, aumentando a liberdade dos filhos de Deus”. Portanto, a obediência religiosa supõe o exercício pleno da liberdade e da corresponsabilidade de todos;
- d) quanto aos superiores, o texto pede que sejam “dóceis à vontade de Deus no cumprimento do seu cargo, exerçam a autoridade em espírito de serviço a favor de seus irmãos, de tal maneira que sejam a expressão da caridade com que Deus nos ama”. No exercício amoroso da autoridade, os superiores expressam o amor libertador de Deus. O texto pede, além disso, que promovam a cooperação de todos, mantendo, porém, a própria “autoridade de decidir e prescrever o que deve ser feito”.

Enfim, na VR obedecem todos na liberdade de filhos/as de Deus e irmãos/as entre si. Consultar e dialogar faz parte do exercício da obediência, pois é a mesma obediência que une superiores e irmãos na comunidade.

5) O quinto ponto de nossas considerações é sobre a *vida comum*. De fato, a profissão dos conselhos evangélicos se vive, segundo as Regras ou Constituições da VR, em comum. O Decreto ressalta a ligação com a primeira comunidade cristã (cf. At 4,32).

Hoje observamos o aumento de novas comunidades de vida, que se orientam também elas para a perfeição do amor a que toda a vida cristã deve tender.

A vida comum na VR não acontece de forma mágica, só porque os irmãos ou irmãs vivem juntos, sob a mesma regra e sob o mesmo teto. Isso não basta. Há mesmo a tentação do isolamento e do anonimato. Para superar a estreiteza de uma vida comum rotinizada, é fundamental o exercício diuturno do diálogo e da caridade fraterna, “carregando um o fardo do outro”.

De fato, o Decreto continua dizendo que “a caridade é a plenitude da lei e o vínculo da perfeição”, como já indicava Paulo (Rm 13,10; Cl 3,14). Assim é que “a união entre irmãos chega mesmo a manifestar o advento de Cristo e dela emana uma grande força apostólica” (PC 15).

Para renovar a vida em comum não basta boa vontade. É preciso também avançar na renovação institucional apontando para comunidades menores, humanamente viáveis. Antes tínhamos grandes comunidades. Elas pouco se interessavam com a pessoa dos irmãos e se tornaram difíceis para o cultivo da intersubjetividade ativa e criativa, transparente e respeitosa.

Outra indicação importante para nós hoje é a permanente atenção às novas gerações. Seria preciso mesmo inculcar nelas o cuidado com a própria formação não apenas em termos pontuais, mas de forma continuada, como resposta à aceleração da história em nosso tempo.

4. Olhando para o futuro

Em tempos normais já é difícil antever o futuro; bem mais difícil em tempos de mudança de época. O que é de esperar: lucidez para identificar na realidade cambiante de hoje os passos necessários para o amanhã; coragem para uma decisão firme.

Em tempos de mudança de época, de novos desafios, como a emergência do mundo midiático, das redes sociais,¹¹ entre outras coisas, temos mais perguntas do que respostas:

- Como viver a VR de modo significativo para homens e mulheres, dentro deste mundo cultural e religiosamente plural, marcado irreversivelmente pelo mundo novo da comunicação?
- Como implementar, neste momento histórico, um processo de enculturação do carisma que tenha eficácia de testemunho evangélico atual?
- Como convocar os jovens para a aventura da fé no seguimento histórico de Jesus Cristo em nossas famílias religiosas?

Há bem mais perguntas do que respostas! Mas não há melhor risco do que esse. Não há melhor aposta para nós do que perseverarmos no caminho iniciado pelos nossos fundadores, atualizando eficazmente seus carismas no seguimento histórico de Jesus Cristo.

11. SBARDELOTTO, M. *E o Verbo se fez Bit*; a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Editora Santuário, 2012. 367 pp.). O autor analisa quatro páginas da Internet de conteúdo católico: a de Aparecida, a catoliconet, das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus de Curitiba e do Pe. Reginaldo Mazotti. Partindo do princípio teológico da Encarnação, ele se pergunta se Deus não está presente também na “revolução comunicacional” atual. Na prática, estamos diante de novas modalidades de prática religiosa em novo “contexto existencial”, um novo “ambiente de vida”. Nele se “constroem identidades” e se “configuram comunidades virtuais” através de “novas ritualidades”.

*Questões para ajudar a leitura individual
ou o debate em comunidade*

1. Como viver a VR de modo significativo para homens e mulheres, dentro deste mundo cultural e religiosamente tão plural?
2. Como implementar um processo de enculturação do carisma que tenha eficácia de testemunho evangélico atual?
3. Como podemos hoje convocar os jovens para a aventura da fé no seguimento histórico de Jesus Cristo em nossas famílias religiosas?



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.